

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

**PAOLA LUIZA GOMES OLIVEIRA**

**A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA SEXUALIDADE INFANTIL NA GRADUAÇÃO  
DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Porto Alegre

2024

**PAOLA LUIZA GOMES OLIVEIRA**

**A IMPORTÂNCIA DA OBRIGATORIEDADE DO ESTUDO DA SEXUALIDADE  
INFANTIL NA GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Educação  
Física da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, como requisito para  
obtenção do grau de Licenciada em  
Educação Física

Orientadora: Lisandra Oliveira e Silva

Porto Alegre

2024

## DEDICATÓRIA

Dedico a realização deste Trabalho à minha mãe, Ana Paula Gomes Oliveira, e meu pai, Paulo Alberto Gomes Oliveira, que não mediram esforços durante toda minha trajetória acadêmica para que eu tivesse as melhores oportunidades. Também dedico esse Trabalho à memória de minha avó, Marli Dutra. Eu amo vocês mais que tudo nesse mundo.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, de forma mais importante, com muito carinho, dedico um agradecimento especial para minha mãe, Ana Paula Gomes Oliveira, e meu pai, Paulo Alberto Gomes Oliveira, sou grata pelo suporte, apoio emocional, pela confiança, pelo amor e carinho. Nos momentos difíceis, desistir chegou a parecer ser a única opção para mim, mas graças a vocês, mãe e pai, eu persisti. Obrigada, mãe, por ler cada mudança, seja de uma linha, palavra, letra ou vírgula.

Agradeço a minha vó, Marli Dutra, que sempre evidenciou meu potencial. Tu és meu anjo guia. Apesar de não estar nesse plano, sei que está e estará comigo sempre, sei que me deu forças quando precisei e que nunca me deixará só. Obrigada por tudo, “vovó Bali”.

Também gostaria de agradecer a eu mesma em um ato de amor próprio, depois de tanta autocobrança, de tanta ansiedade, tanto choro, acredito que eu mereça o reconhecimento de ter me empenhado e feito o melhor que eu poderia fazer.

E, eu não poderia deixar de agradecer à minha orientadora, Profa. Dra. Lisandra Oliveira e Silva. Obrigada por cada consolo em momentos de ansiedade, por toda atenção, pelo incentivo e por entender meu objetivo e querer fazer parte desse Trabalho. Obrigada por comprar minhas ideias e por me guiar, você me auxiliou a chegar exatamente aonde eu queria estar.

Por fim, agradeço a todos que aguentaram meus surtos, que leram, releram, que apoiaram, que incentivaram e que apesar de todo o estresse, permaneceram.

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar a importância de abordar a temática da sexualidade na infância na Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS e compreender como os discentes se sentem para atuar sobre essa temática nos Estágios de Docência obrigatórios. A metodologia utilizada neste Trabalho é qualitativa, de natureza descritiva-interpretativa, realizada por meio de análises de documentos, questionários, diário de campo e entrevista. Os principais resultados obtidos foram que existe a importância de disciplinas de caráter obrigatório no currículo do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS que abordem a temática da sexualidade na infância com carga horária e em etapas mais adequadas. Também, foi constatado que existem lacunas institucionais na Graduação que causam uma possível defasagem didática que leva ao receio na hora da atuação docente. Posto isso, percebe-se que essa temática deve ser desenvolvida na formação inicial, para que seja, também, desenvolvida na educação básica, assim como sugere a legislação. Apesar da pauta, atualmente, aparecer na súmula de duas disciplinas do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS, ainda existe a necessidade da inclusão da sexualidade na infância como tópico da formação inicial. Em última análise, uma inclusão maior à temática da sexualidade na infância iria auxiliar, tanto para cessar com a defasagem didática sobre a temática, quanto para criar ambientes mais lúdicos e seguros para as crianças da educação escolar.

**Palavras chaves:** Sexualidade. Infâncias. Formação docente

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1. APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA DE PESQUISA</b> .....	<b>9</b>
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA .....	14
1.2 OBJETIVOS .....	14
1.2.1 Objetivo geral .....	15
1.2.2 Objetivos específicos.....	15
<b>2 REVISAO DE LITERATURA</b> .....	<b>16</b>
2.1 INFLUÊNCIA CULTURAL NA TEMÁTICA DA SEXUALIDADE .....	16
2.2 REPRESSÃO DA SEXUALIDADE INFANTIL.....	20
2.3 A LACUNA NA FORMAÇÃO INICIAL.....	23
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>27</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	27
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO .....	27
3.3 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES .....	28
3.3.1 Análise de Documentos .....	28
3.3.2 Questionário .....	29
3.3.3 Diário de Campo .....	29
3.3.4 Entrevista .....	30
<b>4 PROCESSO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES</b> .....	<b>32</b>
4.1 Atmosfera documental: A lacuna na Formação Inicial .....	32
4.2 Atmosfera discente: A importância dos saberes sobre a sexualidade na Formação Inicial.....	35
4.3 Atmosfera docente: A importância dos saberes sobre a sexualidade na Formação Inicial.....	41
4.4 Atmosfera prática: A importância dos saberes sobre a sexualidade na Formação Inicial.....	47
<b>CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS</b> .....	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>56</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) acerca da sexualidade na infância surgiu durante uma reflexão por conta de comentários e piadas sobre práticas sexuais, além da substituição de nomes anatômicos de pênis e vagina por nomes de alimentos, animais e de pessoas, por crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual e, do mesmo modo, crianças da Educação Infantil, durante as aulas de Educação Física dos Estágios de Docências obrigatórios nestes níveis de ensino, do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no ano de 2023.

Além dessas situações vivenciadas por mim, também existem relatos de outros estagiários nas reuniões após ministrarem suas aulas de Educação Física dos referidos estágios, que incluem narrativas sobre crianças que desejam mostrar ou comparar seus órgãos genitais com os dos colegas, tanto através da visão quanto do tato, dentre outros exemplos. E, na maioria das vezes, nós, docentes (estudantes em formação), acabamos virando espectadores espantados, e, acredito que esse espanto seja consequência da falta de conhecimento sobre essa temática, ou seja, a falta de disciplinas obrigatórias nos Cursos de Graduação e formação de docentes que problematizam e ensinam como abordar, intervir e compreender assuntos como esses de acordo com a faixa etária dos alunos.

Durante minha graduação tive a oportunidade de realizar disciplinas sobre a população neuro-diversa, sobre a Educação Física adaptada, sobre a importância da interculturalidade, mas nunca tive uma disciplina que destacasse a necessidade e a sensibilidade para a abordagem da sexualidade na escola e como lidar com a vivência da sexualidade e da descoberta na Educação Infantil, por exemplo. Por isso, vejo a necessidade de estudar a educação sexual na infância durante a graduação de Licenciatura em Educação Física, tanto para preparar futuros profissionais, quanto para preparar os alunos de graduação para não se surpreenderem quando essa temática estiver presente nos estágios curriculares obrigatórios.

Visto isso, é necessário enfatizar que a literatura sugere a educação sexual como tema transversal nas escolas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996) destaca que a Educação Nacional tem como uma das finalidades o pleno desenvolvimento do educando, incluindo o preparo para o

exercício da cidadania, e essa finalidade, na minha visão, está atrelada a vida cotidiana, a qual envolve a sexualidade. Além disso, a Orientação sexual, que engloba a matriz da sexualidade, se tornou temática obrigatória como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Brasil (Brasil, 1997).



## 1 APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA DE PESQUISA

O tema deste TCC, como dito anteriormente, surgiu, mais especificamente, durante uma aula de Educação Física no Estágio de Docência no Ensino Fundamental, que realizei no primeiro semestre de 2023. Nessa aula, eu estava como apoio pedagógico de um colega. E, esse colega, que era minha dupla de estágio, estava ministrando a aula para crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental e realizando uma brincadeira de matriz africana chamada “Fogo na montanha”. Nessa brincadeira, geralmente comandada pelo professor, o estagiário que estava ministrando dizia, por exemplo, “fogo na quadra” e as crianças deveriam pular virando seu corpo em direção a quadra e apontar o dedo indicador para a quadra e, assim era feito com diversos locais e objetos. Até que notei uma agitação incomum em certo grupo de alunos, foi então que decidi questionar o que estava acontecendo e dois meninos vieram até mim e relataram que outro menino havia dito para uma menina, que vamos chamar de fulana, “fogo no c\* (palavrão referente ao orifício anal) da fulana”, para ela e para os colegas ao redor escutarem. Essa situação me causou muito espanto pelo teor da frase dita pela criança e pela reincidência, pois eu já havia ouvido esse menino fazendo comentários de cunho sexual para essa mesma menina, porém, na situação anterior ao “Fogo na montanha” fiquei sem reação e, após o ocorrido, contei a situação na reunião após ministrarmos a aula com a professora orientadora do Estágio e os estagiários. E, por unanimidade, me disseram para não retomar o assunto e que a intervenção, no caso dessa faixa etária, deveria ter sido imediata.

No entanto, apenas fui aconselhada pelos colegas a dizer que usar aqueles termos era errado, mas eu não concordo com essa forma de intervenção, pois acredito que seja muito superficial e não traga o conhecimento do motivo pelo qual é errado. E, então, surge a pergunta “como abordar o motivo pelo qual determinadas falas são erradas para crianças?”.

Já, na segunda ocasião narrada, durante a brincadeira “Fogo na montanha”, decidi intervir, e, primeiramente, chamei a aluna e perguntei como ela estava se sentindo e como havia sido a situação em seu ponto de vista. Após essa breve conversa com a menina ela disse que estava envergonhada e que havia se sentido mal, assim, avisei o colega que estava ministrando a aula que iria conversar em

particular com o menino que fez a “brincadeira”. Assim que chamei o menino notei uma confusão em seu semblante. Eu perguntei o motivo pelo qual ele havia falado daquela forma com a amiga dele. O garoto afirmou, meio angustiado, que havia sido apenas uma brincadeira. Nesse momento, mesmo intervindo, percebi que não me enxerguei como alguém com conhecimento o suficiente para intervir, por isso tive a impressão de não estar exercendo meu papel de professora naquele momento, já que não tive com convicção de como proceder e, muito menos, tinha apropriação do tema. Porém, me vi como uma mulher que já foi assediada e me senti com obrigação de intervir. Tanto para defender a menina, quanto para conscientizar o menino sobre a gravidade de sua fala, pensando que, se ele soubesse, talvez eu evitaria a reincidência. Essa foi uma cena que, se os meninos fossem mais velhos, poderia ser denominada como assédio. Levei o menino até um local que pudéssemos conversar, sentei-me com o garoto e, de maneira sutil, comecei a falar sobre como brincadeiras que magoam os outros colegas deixam de ser brincadeiras e passam a ser ofensas. Citei, também, a questão do linguajar inapropriado para se referir às pessoas. Pedi para que ele se colocasse no lugar da menina, perguntei como ele se sentiria se alguém fizesse uma brincadeira desse tipo com ele, e foi então que ele começou a chorar, dizendo que estava se sentindo muito mal por ter feito aquela brincadeira. Mas, como se tratava de uma turma do terceiro ano do Ensino Fundamental, eles já estavam em um processo de descentralização mais avançado do que a Educação Infantil. Eu aconselhei o menino a pedir desculpas e não repetir brincadeiras desse gênero, pois o que ele havia dito era ofensivo.

Visto isso, posso afirmar que não consegui adentrar no assunto da maneira que eu gostaria, e, acredito que nem intervir da forma mais eficaz. Já que o ambiente escolar é um ambiente propício para manipulação da cultura, porém para isso nós, como professores, devemos saber intervir, mediar, discutir e ensinar sobre a sexualidade, para que consigamos não apenas ensinar sobre doenças sexualmente transmissíveis e termos anatômicos, mas, também, ensinar que falas e atos também podem configurar assédio e violência sexual na fase adulta, na tentativa de diminuir suas ocorrências, já que essas falas também podem causar traumas na infância.

Entretanto, digo que me senti na obrigação de interferir pelo que já vivenciei. Já estive na posição de vítima de assédio e já vi a maioria das minhas amigas nessa

posição. Porém, nas outras situações que já vivi, parecia ser muito mais fácil reagir, pois eu não estava na posição de docente. Geralmente, eu estava em festas ou lugares nos quais eu podia recorrer ao segurança ou onde eu tinha pessoas de confiança que faziam com que eu me sentisse segura. E, nesses casos, eu podia ser explosiva, eu podia ficar em choque, eu me permitia reagir como eu conseguisse, mesmo que implicasse em chorar ou me arrepender depois, mas o peso da responsabilidade de não querer errar com os meus alunos e de oferecer uma rede de apoio para minha aluna me sensibilizou demais.

Como docente eu não queria e não podia ser explosiva ou agir por impulso, eu me sentia responsável e na obrigação de manter a calma, pois, na maioria das vezes, as crianças não sabem a gravidade do que estão falando, apenas estão repetindo algo que ouviram. Além disso, eu estava preocupada em como transmitir o conhecimento em uma linguagem fácil, que as crianças pudessem entender do quão violento aquela frase era e o motivo dela ser violenta, e conciliar a temática de forma explícita o suficiente para que os alunos compreendessem e implícita o suficiente para que não houvesse reclamações dos pais sobre a estagiária falando de sexualidade, era uma linha tênue e assustadora, já que poderia colocar meu estágio em risco.

Com isso, podemos perceber que embora seja lei que assuntos advindos da sexualidade sejam tratados como temas transversais, na maioria das vezes, os pais acham que sanar dúvidas e falar sobre isso pode gerar um interesse precoce na atividade sexual. De acordo com Saito e Leal (2000, p. 45): “É igualmente importante não encarar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade”. E, por isso, existe a necessidade de entender como e quando agir, intervir e trabalhar esse tema com os alunos contribuindo para o desenvolvimento e formação das crianças.

Além dessa situação, o que concretizou minha escolha do tema deste TCC foram situações vivenciadas na Escola de Educação Infantil que realizei o Estágio Docente, onde as crianças são mais novas e, do mesmo modo, foi possível notar que essa temática está presente em falas e atitudes das crianças. Um exemplo é que, nessa escola, a aula das crianças era em turno integral, e após o almoço, elas dormiam juntas em colchões intercalados entre uma menina e um menino na sala. E, um exemplo de uma das situações vivenciadas foi ao final de uma das minhas

aulas de Educação Física, eu estava arrumando os materiais utilizados, que haviam sido os colchonetes de dormir para uma aula de ginástica, e uma das crianças, uma menina, me cutucou e fez um sinal dizendo que ia me contar um segredo, e disse: “O Gabriel (nome fictício) disse que gostou de deitar comigo no colchonete”. Apesar de ser uma fala “inocente”, percebi que havia vergonha e entusiasmo na linguagem corporal e no tom de voz da criança.

Em outra aula que eu estava ministrando, ensinei a brincadeira do “pato, pato, ganso” que é bem parecida com a brincadeira “ovo podre”, mas, ao invés de colocar um objeto atrás da criança que deve se levantar e correr, a criança que começa de pé deve encostar a mão na cabeça dos colegas e dizer “pato” (para as que devem permanecer sentadas na roda) e “ganso” (para as que devem correr). No meio dessa brincadeira notei que um menino estava tocando suas partes íntimas, e entendi como um momento de descobrimento, então acabei não interferindo. Porém, quando um colega se levantou sem que tivessem dito “ganso”, o menino que estava se tocando segurou nas partes íntimas desse colega. Logo, eu interfeirei e chamei o menino que segurou o colega e perguntei o motivo pelo qual ele fez aquilo, e ele disse que foi porque o colega se levantou na hora errada. Questionei o motivo da decisão de segurar naquela região e ele moveu os ombros para cima e desviou o olhar. Perguntei se alguém fazia aquilo com ele e ele disse que não. Após finalizar essa conversa pedi para que ele não tocasse mais nas partes íntimas dos colegas e ele assentiu. Apesar disso, passei a situação para a professora volante que estava presente na hora, e ela me disse que, durante o horário do sono, esse mesmo aluno que tocou o colega, ficava tocando seu próprio pênis. No entanto, ela e a professora regente sempre o mandavam parar e não falavam sobre o assunto.

A partir disso, e de relatos de estagiários nas reuniões após as aulas de Educação Física nos dois estágios, notei que situações de curiosidade e de falar sobre a sexualidade eram mais frequentes entre as crianças do que eu imaginava, seja pela fase da descoberta, ou pelo ambiente em que vivem. Dessa forma, compreendi que a sexualidade é um tema que não é exclusivo da adolescência ou da fase adulta, por exemplo. E, além de toques e falas, os relatos entre os estagiários, após as aulas, tratavam, também, sobre crianças que acabavam chegando a ficar nuas no intuito de mostrar seus órgãos genitais, compará-los, dentre outras manifestações. E, na maioria das vezes, nós, docentes, acabamos

virando espectadores espantados pela falta de conhecimentos transmitidos na graduação sobre essa temática. E, de certa forma, acabamos não conseguindo desenvolver estratégias de intervenção para tais acontecimentos, já que não sabíamos abordar assuntos como esse nas escolas e durante o pouco tempo do semestre, torna-se muito difícil conseguir pesquisar e elaborar um plano que transpasse a sexualidade e executá-lo em apenas algumas semanas de experiência docente.

Dito isso, ao realizar os Estágios Docentes de Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental vivenciei situações, nas referidas escolas de estágio, sobre a sexualidade das crianças que eu fiquei surpresa e não sabia como intervir. Portanto, acredito que o conhecimento e a consciência sobre a sexualidade como parte integrada do desenvolvimento das crianças são importantes para os docentes, tanto em formação inicial, quanto em formação permanente. Pois, acredito que estar preparado para enfrentar situações relacionadas à sexualidade e possuir conhecimento para intervir nessas situações nos estágios obrigatórios, e na carreira profissional posterior à formação, é de extrema importância.

Por isso, comecei a notar a necessidade de estudar a sexualidade na infância durante a graduação de Licenciatura em Educação Física, para preparar futuros profissionais e estudantes para abordar, intervir e suprir curiosidades, já que: “A partir do momento em que a curiosidade da criança é satisfeita, contribui-se para o preparo emocional de uma vida sexual segura. A possibilidade de poder tratar do tema ajuda na elaboração, compreensão dos conflitos e ansiedades, permitindo à pessoa iniciar a vida sexual de forma mais harmoniosa e integrada (Suplicy, 2002, p. 39).

Nesse TCC eu almejo que haja o entendimento sobre a importância da discussão da sexualidade infantil dentro da graduação e como a falta dessa pauta na graduação perpetua a ignorância e limita as intervenções, deixando os profissionais inseguros e levando a um silenciamento. Afinal, na prática dos estágios, pude notar que as problemáticas não se atêm apenas sobre a educação sexual, doenças sexualmente transmissíveis ou a anatomia humana. Conseqüentemente, creio que a graduação deva proporcionar os saberes necessários para que, como docentes da Educação Básica, consigamos abordar e lidar com a sexualidade de forma sensível e eficaz para a criança.

Visto isso, creio que a falta da abordagem da sexualidade e aspectos relacionados à educação sexual impacta no contexto social e cultural que vivenciamos atualmente. Por exemplo, no Brasil, percebo o quanto o patriarcado influenciou e segue influenciando no pensamento da sociedade. Conseqüentemente, causando impacto nas relações de gênero, nos estereótipos, na identidade e na criação da personalidade da criança. Através das influências que o meio oferece para as crianças, ou seja, aquelas que convivem com pessoas que têm pensamentos que reforçam e transmitem falas machistas e sexistas, acabam repetindo aquilo que elas escutam. Dessa forma, consideram “normal” determinadas falas ofensivas, piadas e toques sem consentimento. Acredito que ao incluir a abordagem da sexualidade, essa realidade cultural poderia ser manipulada através de trabalhos eficazes dentro do ambiente escolar sobre a temática desde os anos iniciais, para que uma nova perspectiva fosse formada ou, ao menos, questionada pelas crianças, causando, ao menos, uma reflexão sobre as ações delas.

Porém, isso não irá acontecer se nós, docentes, ainda formos espectadores espantados com a realidade da sexualidade infantil. Por isso, devemos estar preparados para responder dúvidas e intervir sobre a sexualidade infantil, para um desenvolvimento integral da criança e para construção de uma nova cultura. Portanto, devemos ter a capacidade de ensinar de modo que as crianças não precisem passar por situações constrangedoras, como as narradas, e para compreender e discernir comportamentos e falas violentas ou agressivas.

## **1.1 PROBLEMA DE PESQUISA**

Frente ao apresentado, o problema de pesquisa se constituiu nas seguintes questões: **Como os conhecimentos sobre sexualidade na infância estão presentes no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS e se materializam nos Estágios de Docência?**

## **1.2 Objetivos**

A partir do problema de pesquisa citado acima, apresento, a seguir, o objetivo geral e os objetivos específicos do Trabalho.

### **1.2.1 Objetivo Geral**

Compreender como os conhecimentos sobre sexualidade na infância estão presentes no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS e como se materializam nos Estágios de Docência.

### **1.2.2 Objetivos Específicos**

- Compreender o que pensam os estudantes da Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS que já concluíram os Estágios de Docência na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (anos iniciais), ou tendo concluído um desses e estar cursando o outro, sobre os conhecimentos construídos na graduação sobre a sexualidade na infância e se se sentiam seguros para trabalhar e intervir sobre essa temática durante os respectivos Estágios;
- Compreender o que pensa o professor da Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS que ministra as disciplinas de “EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE” e “DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS” sobre a importância de disciplinas que promovam saberes sobre a sexualidade;
- Investigar a importância de abordar a temática da sexualidade na infância na Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Após as considerações iniciais e a formulação dos objetivos apresentados, para realizar essa pesquisa fiz uma revisão de literatura nos seguintes locais, para mapear o que já tem produzido sobre a temática deste Trabalho:

- a) LUME – Repositório Digital/UFRGS;
- b) Sistema de Bibliotecas (SABI) da UFRGS;
- c) Portal dos Periódicos (CAPES);
- d) Revistas Científicas da área de conhecimento da Educação Física, a saber: Movimento (UFRGS), Motrivivência (Florianópolis); Motriz; Revista da Educação Física (UEM, online); Revista Pensar a Prática; Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; e Google Acadêmico.

A pesquisa foi realizada a partir dos seguintes descritores: “sexualidade”, “sexualidade infantil”, “educação sexual” e “docência”, “sexualidade” e “docência”, “educação sexual” e “educação física” e “sexualidade”. Pesquisei por esses descritores em todos os locais citados anteriormente. Em um primeiro momento encontrei 39 estudos nos quais o título se relacionava com os descritores, de forma que houvesse uma possibilidade da ligação temática (Apêndice E). Após a leitura dos resumos desses artigos, 19 foram selecionados por terem relação direta com o presente estudo.

### 2.1 Influência cultural na temática da sexualidade

Para sustentar a discussão sobre a importância do estudo da sexualidade infantil na Graduação de Licenciatura em Educação Física, apresento não só vivências, mas também pontos de reflexão. Para isso, chamo a atenção para a construção social vivida cotidianamente, tanto por nós, quanto pelas crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Segundo Bruschini (1981) os modelos masculino e feminino são construídos socialmente, não biologicamente. Essa afirmação se torna mais visível ao pensarmos sobre expectativas, conceitos e tarefas culturalmente associados à



feminilidade ou à masculinidade e, ainda, como essas associações são introduzidas de forma implícita desde a infância, como citado por Garbarino (2021), por exemplo, através da indústria dos brinquedos que corrobora com a perpetuação de estereótipos de gênero, ou, também, através de crenças religiosas que contribuem para essas divisões. Ao pensar nesses exemplos podemos constatar que as associações de gênero estão presentes desde o início de nossa vida, inclusive quando as crianças estão na barriga das mães, e, por isso, segundo Brabo e Oriani (2013, p. 3) diferenças de identidade e temperamento entre os sexos são incutidas e consideradas "naturais", mas, na realidade, são construções sociais estabelecidas por características ditadas durante o processo de socialização.

Visto isso, podemos entender que essa construção social passa a fazer parte de uma cultura que é transmitida de geração em geração e, conseqüentemente, como cita Bruschini (1981), acaba moldando as estruturas de personalidade, temperamento, estilo e identidade das crianças de acordo com as categorias "feminino" ou "masculino". Ou seja, as associações podem e são desenvolvidas ou potencializadas na família, na escola, na mídia, através da socialização e por meio de outras formas de educação informal.

A consciência do papel cultural começa cedo e, a partir disso, são reproduzidas e reelaboradas informações sobre sexo e gênero transmitidas pelos adultos. Por exemplo, durante o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil que realizei no segundo semestre de 2023, presenciei a construção da decoração para a formatura dos Jardins que, no próximo ano, iriam para o Ensino Fundamental. Nessa decoração havia dois bonecos feitos de E.V.A, um deles tinha cabelo curto e possuía os detalhes da toga em azul, e o outro possuía os cabelos longos e os detalhes da toga em rosa. Esse acaba sendo um exemplo de como as reproduções de construções sociais acabam aparecendo de forma, tanto implícita, quanto explícita, no cotidiano escolar desde a Primeira Infância.

As primeiras construções são evidenciadas nas interações e brincadeiras das crianças, por exemplo, em minha vivência como discente no Ensino Fundamental, as meninas costumavam dar tapas na bunda uma das outras, no entanto, não percebia aquilo como algo simbolizando a sexualidade, já que essa palavra sempre foi silenciada pelo Colégio durante minha trajetória escolar. Contudo, na minha

experiência docente, pude notar essas interações através de brincadeiras, por exemplo, na fala explícita durante o jogo “Fogo na Montanha”, além de falas de duplo sentido como “eu vou comer muita perereca”, referindo-se ao salgadinho chamado “perereka’s”, mas rindo com a dualidade de significado presente na frase. Porém, muitas vezes, essas falas e comportamentos são naturalizadas quando são advindas de um menino, pois desde cedo é exigida uma maior inocência sexual feminina para que, só assim, nós sejamos respeitadas.

Portanto, há contradições no discurso adulto sobre a sexualidade infantil, com ênfase na ideia de uma infância “inocente e pura”. Mas que, segundo Ribeiro (2003, p.7), falas e ações sexualizadas são consideradas “comuns” quando proferidas pelos meninos, diferente das meninas que devem ser ingênuas. Além de que a ideia de infância inocente faz com que a escola normalize e oculte as falas, brincadeiras e comportamentos das crianças, tratando a sexualidade, como cita Ribeiro (2003, p. 9), baseada apenas em discursos médico-biológicos, pela dificuldade de lidar com essa temática, até mesmo entre e por adultos. Essa atitude invisibiliza o fato de que as crianças reconhecem, também, a dimensão fantasiosa e erótica, por isso torna-se importante a capacitação para mediação de conflitos sobre a sexualidade, mas, ainda do conhecimento sobre a fase da descoberta e a capacidade de intervir nas brincadeiras, sem haver uma vigilância dos adultos na escola, ou em casa para utilizar a punição como forma de controle da sexualidade infantil, mas sim, para possibilitar a ludicidade do assunto. Essas outras formas de lidar com a sexualidade se tornam importantes, para que assim, as crianças não se sintam obrigadas a disfarçar sobre sua própria sexualidade e, que criem códigos para falar com seus pares sobre sexo, ou aproveitem momentos a sós para fazer as “coisas proibidas” (autoconhecimento) por curiosidade.

Consequentemente, segundo Garbarino (2021, p. 14) há a importância da mediação de um adulto na construção do conhecimento sobre sexualidade de forma que sejam ofertadas experiências lúdicas e um ambiente seguro onde a criança se sinta confortável para sanar suas dúvidas, ao invés de utilizar o seu imaginário ou buscarem conteúdos impróprios para suas idades. Ademais, a criança pode se colocar em situações de risco pela necessidade de responder suas próprias dúvidas, afinal as crianças aprendem sobre sexo e erotismo em diversos contextos. Por exemplo, a música favorita de várias crianças quando realizei o estágio na Educação

Infantil era um funk com conotação sexual que dizia: “Barbie de chapéu princesa da galopada” e, por mais que elas não soubessem com exatidão o significado dessa expressão, era algo considerado inadequado para idade delas (3-4 anos).

Então, ao mesmo tempo que a escola e a família tendem a optar pelo silêncio e a restrição, elas possibilitam o acesso das crianças a esse tipo de conteúdo, isso que nem estou adentrando no contato das crianças com as mais diversas formas de tecnologias e mídias sociais. Desse modo, a intervenção pela parte docente se torna necessária e, ao mesmo tempo dificultosa, tanto por aspectos sociais advindos do tabu criado para tratar da questão da sexualidade infantil, quanto pela falta de alternativas de capacitação para graduandos em licenciatura para terem propriedade, conhecimento e sensibilidade para tratar dessa temática. Aliás, por vezes, quando a atitude de abordar a temática parte de uma docente, Ribeiro (2021, p. 11) cita que as professoras notam que as crianças não falam sobre o corpo e que elas têm vergonha de perguntar.

Através da pesquisa de Ribeiro (2021) pude notar que várias professoras que foram entrevistadas, ao citarem os motivos pelos quais não abordam a sexualidade, elas ressaltam o receio, pois sabem que os pais dos alunos são a favor da restrição dessa pauta e exigem que a escola mantenha o silêncio para manter a inocência infantil. Segundo Louro (1997), a escola é também o lugar de controle sobre a linguagem e comportamento sexual das pessoas, de forma a produzir e reproduzir corpos dessexualizados e disciplinados. Todavia a escola tem um papel crucial na desconstrução das diferenças de gênero culturalmente construídas, já que ela é vista como capaz de moldar certas construções sociais.

Por este motivo, penso que a importância da resignificação e reorganização dos conceitos sobre sexualidade na Educação Infantil é urgente, ainda mais por acreditar que a naturalização de determinados comportamentos e falas advindas das crianças podem ter como consequência a reprodução de comportamentos na adultez e, para que isso não ocorra fica nítido a necessidade citada por Brabo e Oriani (2013, p. 9) de promover relações sociais de gênero baseadas no respeito desde a Educação Infantil.

Por fim, saliento que há uma necessidade de adultos envolvidos na mediação sejam capazes e possuam conhecimento para abordar e saber como abordar a

sexualidade na infância, lembrando que, apesar de muitas semelhanças, a escola e a família têm papéis distintos nessa abordagem.

## **2.2 Repressão da sexualidade infantil**

Para melhor apoiar a discussão, foram buscados argumentos no universo infantil e em sua observação que pudessem subsidiar e aprofundar a discussão iniciada no tópico anterior. Portanto, retomando a questão da normalização de determinados comportamentos e falas advindas das crianças, também devemos nos atentar a outra face da moeda, ou seja, aos comportamentos não-normalizados. Nesse caso, estou tratando a não-normalização como a proibição de algo, mesmo que natural do processo de descobrimento, seja feito pela criança. Geralmente, essa ou essas proibições são feitas pelos adultos em sociedade como forma de censurar e silenciar determinadas questões e, em muitos casos, isso acontece com a temática da sexualidade na infância.

No estudo de Sayão (2002), no ano de 2001, foram realizadas observações participantes feitas pela autora durante momentos de chegada e saída da instituição. “Um menino e uma menina aproveitavam estes momentos para se acariciarem, se tocarem, se olharem. Ela procurava o menino a todo o instante para dividir as brincadeiras com ele. Muitas vezes dissimulavam e se escondiam em lugares pouco acessíveis aos adultos” (Sayão 2002, p. 8). Outro fragmento com observações muito ricas ocorre na hora do brincar livre, por exemplo:

Nas brincadeiras entre meninos e meninas surgiam hipóteses sobre as identidades de gênero, por exemplo, quando uma menina levantava a blusa dentro da casinha para um menino e ele, simultaneamente, levantava a sua camiseta para olhar-se também. Eles ficavam olhando um ao outro e comparavam com seus corpos numa evidente busca das diferenças. Um dos meninos, que era bastante tímido, tornava-se o brinquedo de uma menina que o transformava em seu filho constantemente. Nas brincadeiras, ela acariciava-o, ora como um bebê, ora como um namorado. O menino ficava à mercê das decisões dela e sentia prazer em qualquer uma das situações. Para ele, ser o brinquedo dela não era problema. Pelo contrário, ele também parecia brincar com isso (Sayão, 2002, p. 10).

Ademais, temos poucos estudos que investigam e observam as crianças vivenciando sua sexualidade. Contudo, o estudo de Guerra (2005) é muito rico, principalmente, em seus relatos do diário de campo, pois esses relatos conseguem

explicitar que apesar das restrições impostas pelos adultos, as crianças, ainda assim, estão expostas a influências, sejam midiáticas ou ambientais de seu convívio, que instigam a curiosidade infantil. Mas, visto que o conhecimento sobre a sexualidade é uma pauta imposta como proibida para crianças, muitas vezes, as crianças acabam fantasiando sobre o grande segredo misterioso por trás da sexualidade. Dessa forma, as influências nas quais as crianças são expostas agem e despertam uma busca por respostas para suas curiosidades. Por conseguinte, a autora Guerra (2005) em sua pesquisa conseguiu ter acesso a um clube, o qual as crianças chamavam de “Clube dos pelados” ou “Clube do Fedor”, ou, também, “Clube da Nojeira”. Esse clube ocorria, principalmente, nas horas livres no pátio, quando as crianças possuíam mais liberdade. Elas tratavam o grupo e suas brincadeiras como um “segredo sagrado”, segundo a autora.

Durante suas observações, Guerra (2005), relata que algumas das brincadeiras eram a de “se pelar” onde os meninos e as meninas levantam as blusas -uns na frente dos outros- e comparavam seus corpos, além de tirarem, também, suas calcinhas e cuecas para uma comparação entre seus órgãos genitais, também existiam brincadeiras onde um aluno dava selinho no outro. Isto é, ao refletir sobre o grupo e sua denominação, essas crianças expressam a sua necessidade de obter conhecimento e desvendar os mistérios de seus corpos singulares. Essas manifestações, em minha opinião, deixam evidente a necessidade de reconhecer a urgência de tratar sobre a temática da sexualidade com as crianças para que, assim, elas possam ter um conhecimento que permita a exposição de suas curiosidades e o aprendizado ocorra de uma forma mais saudável e lúdica.

Ou seja, podemos admitir, a partir desses relatos e observações, que a infância carrega curiosidade sobre a sexualidade, mesmo que essa palavra ainda não seja do conhecimento delas. Além desse estudo, também podemos citar a pesquisa de Leite (2005), que foi realizada com 14 professoras por meio de entrevistas. Nos relatos mencionados pelo autor, várias professoras afirmaram não perceber as manifestações sexuais das crianças. Contudo, dentre as 14 participantes do estudo de Leite (2015), 36% das participantes argumentaram já ter identificado manifestações sexuais das crianças durante o brincar. Tanto em brincadeiras como, por exemplo, casinha, no qual existe o pai, a mãe e os filhos. Quanto através de brincadeiras de bonecas, nas quais os alunos utilizavam-se dos

bonecos para brincar de “namorados”, também houve relatos de professoras que presenciaram beijos na boca, selinhos, carícias. E, pelo que li da pesquisa, todas essas que afirmaram ter presenciado alguma manifestação da sexualidade, utilizavam o argumento de que as crianças são muito novas e, por esse motivo, proibiam-nas de brincar dessa forma.

De acordo com a pesquisa feita por Cólis e Souza (2020), a partir, também, de entrevistas realizadas com educadoras de uma escola de Educação Infantil, elas se deparam com questões de gênero, porém possuem interferências externas, por exemplo, exigências dos pais. Sendo assim, as educadoras demonstram insegurança pela falta de autonomia, já que os pais exigem interferências tanto nas formas de brincar das crianças, quanto nas cores das folhas escolhidas para os trabalhos. Por isso, como foi apresentado por Cólis e Souza (2020), algumas das educadoras alegam que se sentem desconfortáveis diante das resistências sociais e institucionais, que, muitas vezes, impedem um trabalho sobre a sexualidade. Ou seja, a partir de toda essa opressão e repressão ocorre um fenômeno no comportamento das crianças, o qual Santos (2011) percebeu em suas observações durante as brincadeiras livres no pátio, que as crianças “já internalizaram a necessidade de adotar uma postura adequada na presença das professoras durante as brincadeiras, sugerindo a presença de um mecanismo de controle que sutilmente se impõe nesse espaço de lazer” (Santos 2011, p. 26), assim como na pesquisa de Guerra (2005), o “Clube dos Pelados” foi proibido, por consequência, as crianças se tornaram mais cuidadosas durante a brincadeira, pois a autora observou que as crianças começaram a ser mais sutis e cuidadosas na presença das educadoras.

Dito isso, podemos elencar semelhanças entre o estudo de Leite (2005), Cólis e Souza (2020) e Guerra (2005), já que, nas três pesquisas houve insegurança para falar da temática sexualidade pelas educadoras, seja pelo medo da repressão institucional, da reclamação dos pais ou pela falta de conhecimento sobre o assunto. E, outras das professoras tratam a sexualidade como um assunto proibido, pois partem do princípio de que as crianças devem permanecer sem acesso a esse conhecimento, para que, assim, continuem sendo inocentes e não manifestem desejos sexuais. Do mesmo modo, na pesquisa de Guerra (2005), algumas educadoras tratam a temática como algo inapropriado e sujo, no caso, isso fica explícito nos outros codinomes do “Clube dos Pelados”, “Clube do Fedor”, ou

também, “Clube da Nojeira”, os quais remetem a algo sujo. Todavia, Felipe (2000, p. 128) expõe:

[...] textos que remetem a uma contradição e um constante conflito entre a inocência infantil, que precisava ser preservada até quando fosse possível e uma certa precocidade das crianças em relação a assuntos ou práticas sexuais. Afinal, até que ponto elas poderiam ser consideradas inocentes? Tal inocência, ao mesmo tempo proclamada como um estado "natural" da infância, parecia estar sempre à mercê dos perigos e das "más" influências do meio. Desta forma, havia a preocupação em não propiciar às crianças um contato direto com qualquer material que pudesse fazê-la pensar sobre questões ligadas à sua sexualidade (e a dos outros) (Jane, 2000, p. 128) [grifo do autor].

Para mais, segundo Sostisso (2009), por vezes, a educação para a sexualidade se limita a disciplinas específicas e a discursos que se resumem a reprodução e a prevenção. Isso acaba desconsiderando o leque de diversidade e complexidade existente na temática da sexualidade. Ou seja, a autora estabelece uma correlação entre a moral, valores e crenças, que envolvem os desafios gerados pelos estereótipos das crianças como inocentes e assexuadas. Por fim, gostaria de frisar que Leite (2005) também destacou a falta de preparo, tanto das educadoras, quanto de recursos materiais da instituição de ensino, mas eu destaco a falta de conhecimento ocasionado por lacunas na formação inicial docente, foco de estudo da pesquisa que realizei.

### **2.3 A lacuna na Formação Inicial**

Partindo do pressuposto de que ficou explícita a presença da sexualidade na infância, apresento a reflexão sobre a importância de trabalhar sobre esse assunto na Formação Inicial dos docentes, tanto como meio de promover uma descoberta segura, quanto para prevenir abusos, assédios e a reprodução de comportamentos e falas estereotipados e generalistas. Dito isso, pretendo argumentar a favor da adoção de disciplinas curriculares no curso de Educação Física - Licenciatura da UFRGS que tratem sobre a sexualidade infantil, como o professor deve abordar essa temática de maneira sensível e eficaz, para que haja segurança e domínio sobre esse tema para transmitir e intervir quando necessário. Considerando isso, apresento um termo no qual tive contato no estudo de Leite (2015), que trata do termo “atuar com medo” pela falta de informação entre as educadoras sobre a

temática da sexualidade. Após refletir sobre esse termo, notei o quanto esse ele acaba sendo certo e resumindo com exatidão o que muitos docentes em formação, ou já formados, sentem quando precisam intervir. E, ainda, consigo perceber que eu, no Estágio Docente de Educação Física no Ensino Fundamental, atuei com medo ao intervir na brincadeira “Fogo na montanha”, citada na página 7 deste Trabalho.

Diante disso, posso evidenciar que a preocupação sobre a Formação Inicial vem crescendo, conforme Crociari e Perez (2019) destacam, existe uma defasagem na formação docente que torna a docência desafiadora para o docente. Afinal, existem métodos e abordagens que podem gerar transformações positivas, mas também existem abordagens que podem gerar efeitos negativos. Por isso, a escassez de disciplinas que abordam a educação sexual nas graduações de licenciatura pode gerar intervenções docentes que reforçam desigualdades de gênero, orientando e limitando comportamentos com base em estereótipos, segundo Crociari e Perez (2019).

Tentando achar uma razão para atribuir a falta de abordagem da sexualidade, Altmann (2013) cita a estrutura tradicional e inflexível dos currículos que, conseqüentemente, dificulta a modificação curricular. Essa rigidez curricular citada anteriormente, também pode ter ligação, especialmente no curso de Educação Física, com o histórico da área, fortemente impactado pela abordagem biológica e funcionalista em torno do corpo e do movimento humano, ainda hoje, presente em suas matrizes curriculares (Vasconcelos e Ferreira, 2020, p. 14).

Ou seja, já existem pesquisas que confirmam tanto a importância do conhecimento sobre a sexualidade na infância, quanto as que levantam as dificuldades e desafios no trabalho dessa temática, principalmente, justificadas pela falta de conhecimento. Por exemplo, em uma das pesquisas lidas, foi ofertado um curso sobre Educação em Sexualidade e Gênero, e durante a pré-inscrição foi feita uma pergunta para os inscritos, que foi: “Explique os motivos pelos quais você deseja participar desse curso de formação”. Através desse questionário os autores coletaram os dados e fizeram uma tabela com base nas palavras mais utilizadas, e dois temas se destacaram, sendo esses a “falta de conhecimento sobre sexualidade e gênero nesses temas” e “os seus atravessamentos no contexto da Educação Infantil” (Blankenheim; Ramos; Pizzinato; Costa, 2020, p. 534).



Portanto, ao negligenciar as discussões sobre sexualidade dentro da Graduação, não estamos apenas omitindo uma temática, mas, ainda, estamos perpetuando o medo de atuar e contribuindo para manter a cultura machista, com desigualdade de gêneros e ações estereotipadas.

Creio que essas discussões são especialmente importantes na Educação Física já que podemos notar que existem professores que ministram aulas mistas, enquanto outros ainda optam pela separação por gênero. Embora, apenas aulas mistas não sejam o suficiente para proporcionar igualdade, por exemplo (Poloni; Furlanc apud Corsino; Auad, 2012) na pesquisa, de cunho aplicado, Corsino e Auad (2012) apontam para a importância de perceber as relações desiguais que ainda se estabelecem nas aulas, por toda uma construção histórica e social, enfatizando a necessidade de uma educação para as questões de gênero e sexualidade desde a Formação Inicial de professores, para potencializar um trabalho mais efetivo com essas questões.

Diante desse cenário, pressuponho que seja importante que os estudos sobre a sexualidade estejam inseridos nos diálogos docentes em suas formações, pois esses diálogos podem e devem ser discutidos na Educação Básica desde a infância, a fim de minimizar reproduções de atitudes discriminatórias, mas, também, como citado por Crociari e Perez (2019), para que haja uma contribuição com o intuito do pleno desenvolvimento das crianças desde a infância, para que haja domínio por parte docente, tanto de como intervir, para que a criança entenda, quanto do motivo social para intervenção. Mas, acima de tudo, pensando no bem-estar e no bom desenvolvimento da criança, para que a sexualidade seja uma descoberta lúdica, minimizando as possibilidades de tornar-se uma revelação traumática e cheia de repressões. Segundo Vasconcelos e Ferreira (2020), a partir de seus resultados, concluíram que existe a necessidade de discussões sobre gênero e sexualidade, fundamentalmente no curso de Educação Física, porém essas discussões devem estimular o pensamento crítico dos futuros professores.

Seguindo essa linha de pensamento, o investimento na formação docente é imprescindível, mas não é qualquer formação; tem que ser uma formação pautada em uma concepção de superação à lógica da racionalidade técnica, ou seja, um pensamento e proposta de formação para que os professores possam refletir e agir sobre sua organização do trabalho pedagógico (Bezerra, 2018, p. 44). Por fim,

acredito que a Educação Física passou, durante muito tempo, sendo uma disciplina excludente, onde só aqueles com um desempenho e capacidade física privilegiados eram notados. Contudo, o tempo exige reformulações, o que inclui se familiarizar com a diversidade e inclusão, repensar sobre a normalização da segregação entre meninos e meninas durante as aulas de Educação Física, mas, também, trabalhar temas transversais como a sexualidade desde a infância. Principalmente na Educação Física onde vemos as crianças exercendo o brincar, os movimentos, observamos seus comportamentos, muitas vezes, nos deparando com falas de que determinadas brincadeiras “são de meninas” ou “são de meninos”, e temos a oportunidade de intervir e sanar curiosidades sobre o assunto da corporeidade, temática extremamente vivida em nosso curso. Por fim, agrego que não falo sobre uma formação no sentido de conclusão, mas sim, algo em constante (re)construção e (re)flexão (Bezerra, 2018, p. 44).

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia utilizada neste Trabalho será descrita a seguir.

#### **3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

A metodologia utilizada neste Trabalho é qualitativa, de natureza descritiva-interpretativa na qual teve como participantes, ou público investigado, aqueles que já cursaram e foram aprovados nas seguintes disciplinas: Estágio Docente de Educação Física na Educação Infantil e Estágio Docente de Educação Física no Ensino Fundamental, ambos no curso de Licenciatura em Educação Física na UFRGS. Porém, ter cursado as disciplinas durante o período da pandemia, no qual o Ensino Remoto Emergencial foi utilizado na Graduação, foi um critério de exclusão, visto que o contato direto e as vivências com as crianças foram consideradas prejudicadas nesse período.

#### **3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO**

Visto isso, para iniciar o contato com os possíveis participantes, solicitei a lista de alunos que já haviam cursado ambos os estágios para a Comissão de Graduação (COMGRAD) do Curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFID/UFRGS via e-mail, no dia 9 de abril de 2024. Este e-mail foi respondido no dia 10 de abril de 2024 e a listagem dos alunos e seus respectivos contatos (e-mail) foi recebida no dia 11 de abril de 2024. Posteriormente, no dia 15 de abril de 2024, entrei em contato com 18 estudantes da lista, e 4 responderam ao e-mail de convite para participação no TCC. Todavia, desses 4, 1 não havia cursado nenhum dos estágios durante a pandemia e pode prosseguir na pesquisa. O questionário elaborado no Google Forms foi disponibilizado no dia 02 de maio de 2024, porém, o aluno em questão não respondeu ao questionário.

Prosseguindo, perguntei em grupos de WhatsApp com colegas de curso e para amigos próximos se conheciam alguém que já tivesse cursado ambos os estágios. A partir desta busca particular obtive o contato de 9 possíveis investigados, destes, 3 não faziam parte do critério de exclusão e 2 responderam ao questionário.

Coloco em pauta que a ausência ou falta de resposta advinda de alguns dos contatados pode ter se dado por conta do Decreto nº 57.600 emitido pelo governo do estado do Rio Grande do Sul, de 4 de maio de 2024, que reforçou o Decreto nº 22.647, de 2 de maio de 2024, emitido pela Prefeitura de Porto Alegre, o estado de calamidade pública não só no município, mas no estado que foi severamente afetado pelos eventos climáticos de chuvas intensas que começaram no dia 24 de abril de 2024. No entanto, ao longo do tempo os critérios de exclusão diminuíram pela baixa adesão da população alvo que sofreu com as enchentes supracitadas, então, juntamente a minha orientadora, no dia 8 de julho de 2024, ampliei a possibilidade de participação do questionário para aqueles que já haviam concluído, ou o Estágio Docente na Educação Infantil, ou o Estágio Docente no Ensino Fundamental, e que estivessem com o outro em andamento.

Por fim, além dos alunos, tive como participante de uma entrevista o professor da Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS que ministra as disciplinas de “EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE” e “DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS”.

### **3.3 PROCEDIMENTOS PARA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES**

Como procedimentos foram utilizados, respectivamente os apresentados a seguir.

#### **3.3.1 Análise de Documentos**

Pensando nos métodos de investigação qualitativa, Negrine e Molina (2017) apresenta o enfoque principal de que nesse tipo de pesquisa se trabalha com informações. Ou seja, nesta pesquisa, dentre os documentos que analisei estão:

- O currículo “280 - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA - 2020/2” em comparação com o currículo “1 - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA - LEF - 2023/1”, ambos currículos da UFRGS do Curso de Licenciatura em Educação Física;
- O Projeto Político Pedagógico de uma escola de Educação Infantil de Porto Alegre;

- Roteiros das aulas de Educação Física do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil;
- Plano de Trabalho do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil;
- Narrativa escrita do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil.

Segundo Negrine (2017) essa análise serve para, posteriormente, interpretar e discutir à luz da teoria.

### **3.3.2 Questionário**

O questionário, localizado no apêndice D, é um conjunto de perguntas através das quais se obtém informações, no caso, de um grupo de sujeitos, por meio de respostas escritas (Hayman apud Negrine, 2017). No caso, o questionário foi aplicado para 8 alunos da Graduação de Educação Física Licenciatura da UFRGS que aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido localizado no apêndice C. Foram estruturados com perguntas dissertativas que obtinham o propósito de compreender sobre os conhecimentos construídos na graduação na ótica dos estudantes da Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS sobre a sexualidade na infância, e se estes se sentiram seguros e aptos para trabalhar e intervir sobre essa temática durante os Estágios.

Essa etapa foi uma das mais desafiadoras, pois houve muitas desistências durante o percurso. Além disso, pela tragédia climática sofrida no estado, muitas pessoas que iriam participar, conseqüentemente, não puderam por questões psicológicas e perdas materiais que dificultaram o acesso ao formulário. Além disso, apesar de explicar aos participantes os critérios de exclusão, uma pessoa que não se encaixava nos critérios pré-estabelecidos, respondeu.

### **3.3.3 Diário de Campo**

Durante os estágios docentes realizei observações anotadas em diários de campo que, posteriormente, no caso do diário do Ensino Fundamental, fez parte do

Seminário Final do Estágio Docente. Portanto, apesar de observar e descrever no diário de campo, acredito que, segundo Negrine (2017), consigo classificar essa observação como não estruturada, visto que quando iniciei os estágios, não tinha nitidez do que estava pesquisando, ou seja, não tinha um “indicador inicial”. Assim, o enfoque desse Trabalho surgiu após a experiência, a releitura e a análise dos registros contidos no diário do Ensino Fundamental, tanto que com base nessas análises que apresentei o Seminário, citado anteriormente, com a temática da sexualidade na infância. Quando finalizei a apresentação a professora orientadora do estágio sugeriu que esse seria um bom tema de investigação para um Trabalho de Conclusão de Curso, e, a partir desse momento, tive minha virada de chave que me motivou a escrever esse TCC.

A partir disso, me matriculei para o estágio na Educação Infantil, no qual tive contato com a orientadora deste Trabalho, e, desde então, passei a observar de forma semiestruturada juntamente a ela, afinal já havia uma ideia de pesquisa, mas isso não me fechou para outras ocorrências.

Dito isso, minhas observações seguiram, embora eu trouxesse debates com base nas observações para as reuniões do estágio, as anotações ocorriam de forma descritiva em meu diário individual.

### **3.3.4 Entrevista**

A entrevista, localizada no apêndice B, e com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no apêndice A, foi feita através de uma Conferência Online devido às chuvas que afetaram o estado do Rio Grande do Sul. Já que fui afetada indiretamente, por consequência do desemprego causado pela enchente, tive que mudar de cidade de forma repentina. Além disso, o Campus da ESEFID se transformou em um abrigo comunitário para as famílias afetadas pela enchente. Ou seja, a entrevista foi realizada pelo Google Meet e gravada pelo celular. Negrine (2017) aponta a entrevista como um método de conseguir informações ou opiniões sobre uma temática pré-determinada, realizada de forma oral.

Sabendo disso, Cohen e Mañion apud Negrine (2017, p. 75) destacam que as entrevistas são ferramentas de investigação, e abrangem desde "entrevistas formais", ou seja, um conjunto de perguntas, passando pelas entrevistas "menos

formais", nas quais o entrevistador fica com maior liberdade para modificar a sequência das perguntas, alterar a redação, explicá-las ou ampliá-las. De acordo com essa afirmação, consigo compreender que a entrevista que realizei nesta pesquisa, foi do tipo "menos formal", pois havia perguntas estruturadas, mas, à medida que insights surgiram durante a entrevista, eu modifiquei a sequência e adicionei algumas novas perguntas, de acordo com o que era dito. Também deixei o entrevistado à vontade para discorrer sobre temas e aspectos relevantes que não estavam previstos na entrevista. Ou seja, realizei uma entrevista semiestruturada, pois visava cumprir meu objetivo de responder às questões pré-estabelecidas, mesmo que isso causasse mudança no roteiro, eu me senti a pesquisadora que "persegue pistas na tentativa de obter maior profundidade de informação" (Negrine, 2017, p. 76), então acabou tendo uma mescla entre perguntas abertas e fechadas.

A entrevista durou um total de 1 hora e 40 minutos, contendo alguns assuntos quebra-gelo no início para que ela ocorresse de maneira mais fluida, já que sou uma pessoa tímida e sinto necessidade de criar um ambiente no qual me sinta confortável para dialogar. Durante a entrevista fiz anotações em um caderno contendo os tópicos de maior relevância para o trabalho que contou com 2 páginas de tópicos e pequenas frases para serem usadas mais além. A transcrição teve cerca de 30 páginas e foi enviada para o professor entrevistado ler e autorizar o uso das informações para fins desta pesquisa.

## 4 PROCESSO DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Após a obtenção das informações, realizei as análises e interpretações destas. Assim, fiz uma conexão destas com o embasamento teórico, utilizando da literatura, em uma busca para atingir os objetivos da pesquisa. Seguem as categorias construídas na pesquisa.

### 4.1 Atmosfera documental: A lacuna na Formação Inicial

A primeira categoria trata da análise da Grade Curricular em vigor quando iniciei minha graduação, no caso, o currículo “280 - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA - 2020/2” da UFRGS do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS. Realizei a leitura da súmula de todas as disciplinas e foi possível identificar que não há nenhuma que citasse a temática da sexualidade ou da educação sexual.

A partir disso, me questionei, se a escola de educação básica deve trabalhar a educação sexual de forma transversal, urge a necessidade de estudá-la na Formação Inicial de docentes. Porém, ao analisar as súmulas das disciplinas obrigatórias do mais recente currículo, o “1 - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA - LEF - 2023/1”, e buscar pela palavra-chave “sexualidade”, da mesma forma que fiz na análise da Grade Curricular em vigor quando iniciei a Graduação, pude notar que foram encontradas duas disciplinas que contém a palavra sexualidade em sua súmula e, são essas:

<b>Sigla:</b> EF104405	<b>Etapa:</b> 4	<b>Caráter:</b> Obrigatória	<b>Créditos:</b> 4	<b>Carga Horária:</b> 60h	<b>Nome:</b> EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE
<b>Sigla:</b> EF104409	<b>Etapa:</b> 5	<b>Caráter:</b> Obrigatória	<b>Créditos:</b> 2	<b>Carga Horária:</b> 30h	<b>Nome:</b> DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Título: Disciplinas que contém sexualidade na súmula.

Fonte: Organizado pela própria pesquisadora.



Ainda assim, foi possível analisar, por meio da súmula, que nenhuma destas disciplinas aborda a temática buscada de maneira específica:

<b>EFI04405 - EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE</b>	<b>Súmula:</b> Aborda o processo de construção do corpo a partir de marcadores identitários que produzem uma matriz de exclusão dos sujeitos. Discute as condições de emergência dos movimentos sociais identitários (Negro, LGBT, Feministas), seus desdobramentos no contexto atual e seus efeitos na Educação Física e Esportes. Estimula o reconhecimento e análise de hierarquias sociais baseadas em gênero, raça e sexualidade, cujo enfrentamento é um dos princípios de equidade que visa à garantia dos direitos humanos.
<b>EFI04409 - DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS</b>	<b>Súmula:</b> Aborda a diversidade étnico racial de gênero e sexualidade como elementos constitutivos da realidade escolar. Problematiza as hierarquias e privilégios sociais produzidos pelos marcadores de diferença étnico racial, de gênero e sexualidade. Estimula a produção de ações pedagógicas que coloquem em discussão atravessamentos de raça/racismo, gênero e sexualidade nas práticas corporais.

Título: Súmula das disciplinas encontradas na pesquisa.

Fonte: organizado pela própria pesquisadora.

Estas são disciplinas previstas para o meio do curso e que não são pré-requisitos para os Estágios de Docência, ou seja, o docente em formação pode se matricular nos estágios obrigatórios antes mesmo de ter cursado as disciplinas citadas acima.

Também é importante refletir sobre a quantidade de assuntos citados nas súmulas e a complexidade destes, visto que, para tratá-los de forma eficaz é necessário tempo. Por isso, acredito que apesar do avanço de haver duas disciplinas que, ao menos, citam a temática da sexualidade, comprovando a importância desta discussão durante a Formação Inicial, creio que a carga horária seja pequena. Para além dos fatores já citados, acredito na necessidade de abordar a sexualidade, especificamente, infantil e no contexto escolar, visando entender como as crianças se comportam, compreender as descobertas, mas também focalizar em metodologias eficazes para trabalhar a sexualidade com o público-alvo dentro da faixa etária escolar.

Visto que, ao longo deste Trabalho, à medida que fica nítida a inverdade do senso comum criado pela sociedade no qual a criança é totalmente inocente, fica evidente a responsabilidade dos docentes e da família protagonizando papéis na criação de um ambiente confortável e acolhedor para que a criança, especialmente na fase da descoberta, efetue-as sem se colocar em risco, que acontece quando a criança tem que “esconder” e, por isso, acabam sendo criados “Clubes da Nojeira”, por exemplo.

Vale a pena ressaltar o quanto os estudos supracitados citam o pátio como ambiente mais favorável a descobertas sem o olhar vigilante dos professores, ou seja, de determinada forma, a aula de Educação Física escolar, além da correlação com o corpo e práticas corporais, ainda é, geralmente, ministrada no pátio. Assim, assuntos ligados a questões sexuais podem aparecer com maior frequência e nós, professores em formação ou já formados, não podemos atuar com medo.

Nesse sentido, entender como, de qual maneira e quando agir, intervir e trabalhar esse tema com as crianças é de extrema importância para que haja um desenvolvimento integral das crianças e para que, cada vez mais, seja dialogada e argumentada, com os familiares, a necessidade de parar de excluir a sexualidade no currículo escolar.

Outro documento que serviu de base para a análise dessa pesquisa foi o Projeto Político Pedagógico (PPP), de uma das escolas, em que o Estágio Docente de Educação Física na Educação Infantil foi realizado.

Ao ler a proposta educacional da Escola, pude perceber a fundamentação, citada no próprio documento, da legislação nacional. Portanto, a escola estabelece um compromisso com o desenvolvimento global de suas crianças e reconhece a importância das descobertas e da construção do conhecimento para o desenvolvimento das crianças. Ademais, o Projeto também cita as necessidades educativas especiais, citando a “construção de atitudes menos discriminatórias e mais cooperativas, humanas e solidárias e a transformação de comunidades que passem a acolher a todos, sem distinção de raça, credo, condições econômicas, gênero e orientação sexual”. Dando assim, visibilidade ao tema da inclusão, por isso é frisado que a Escola traz a inclusão como um princípio fundamental e admitindo que “a criança tem seus anseios, vontades, desejos e diversos sentimentos e precisa viver isso intensamente”.

A partir disso, podemos notar a citação da inclusão de aspectos de gênero e orientação sexual. Por conseguinte, podemos refletir sobre a necessidade do trabalho desses aspectos já na Educação Infantil, conforme previsto no PPP e da lacuna na Formação Inicial abordada anteriormente, afinal, como trabalhar sobre algo sem ter conhecimento e familiaridade acerca do assunto e de como abordá-lo com determinada faixa etária. Por fim, esse exemplo me leva a crer que a falta de didática sobre a sexualidade e questões de gênero faz com que os profissionais em formação, ou já formados, caiam em dois paradigmas, sendo o primeiro o “atuar com medo”, citado anteriormente, e o segundo o não atuar e, a infeliz, invisibilização dessa temática.

#### **4.2 Atmosfera discente: A importância dos saberes sobre a sexualidade na Formação Inicial**

Primeiramente, gostaria de mencionar que os nomes utilizados neste tópico são fictícios para preservar a identidade das pessoas entrevistadas. Após a aplicação do questionário, no qual 8 pessoas participaram, sendo que uma delas (Maria) não estava dentro dos critérios de inclusão previamente estabelecidos e explicados, pude perceber, durante a análise dos dados obtidos, pontos comuns e diferenças significativas em suas experiências. Dessa forma, irei frisar e discutir sobre os tópicos mais relevantes trazidos no questionário.

Dito isso, começando pelas experiências docentes na Educação Infantil houve uma semelhança dentre os pontos desafiadores citados pelos discentes de Educação Física na UFRGS, tais como: Manutenção da atenção das crianças; Dificuldades na comunicação; Dificuldades para lidar com situações inesperadas. Já no Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental, os principais desafios citados pela maioria trazem os conflitos que ocorrem entre os alunos e, apesar da animação dos alunos da escola para a aula de Educação Física, houve comentários que mencionaram que a Educação Física ainda é vista com menor relevância no currículo escolar.

Também foram citados os sentimentos de ansiedade, preocupação e medo, principalmente pelo desafio da comunicação e o receio frente a situações inesperadas na Educação Infantil. Já no Ensino Fundamental, a ansiedade e a

insegurança foram citadas com referência ao início de uma nova experiência de ensino. Por consequência dos anseios, citados anteriormente, muitos alunos citaram a importância da supervisão e do apoio, por parte tanto dos colegas, quanto da orientadora em ambos os estágios. Portanto, nesta primeira questão destaco os sentimentos vividos e o início de uma discussão sobre a dificuldade didática para enfrentar imprevistos.

Finalmente, retornando a temática da educação sobre a sexualidade, houve o questionamento sobre disciplinas de caráter obrigatório na Graduação que abordassem esse tema e como discorrê-lo na escola. Nessa questão, os discentes reconheceram a importância de abordar esses temas na formação inicial de professores, pela relevância e, também, pela frequência com que essa pauta surge nas escolas. Ademais, também os alunos reconheceram a falta de preparo específico antes dos estágios de docência para lidar com questões como sexismo, machismo, homofobia e transfobia.

Alguns mencionaram disciplinas que trouxeram brevemente ou transversalmente essa temática, mas em nenhuma das disciplinas citadas havia a sexualidade na súmula, lembrando que a maioria desses alunos não tiveram as disciplinas que possuem a sexualidade na súmula por se tratar de disciplinas do currículo mais recente. E, houve uma variabilidade nas disciplinas citadas pelos alunos, por exemplo, alguns mencionaram disciplinas como: Diversidade na Escola, Estudos Socioculturais (variando entre I, II ou III) que foram apontadas como teóricas, mas capazes de levantar “reflexões importantes sobre gênero e corpos para se considerar no momento de planejar uma aula” (Matheus), porém “mas não de forma como trabalhar estes” (Luiza). Também citaram as disciplinas de Fundamentos da Educação Física no Ensino Fundamental, Fundamentos da Educação Física na Educação Infantil, Educação Física Escolar, Interculturalidade e Grupos Étnicos, e “uma disciplina sobre gênero e sexualidade” que o entrevistado não disse o nome, que, de algum modo, trabalhavam os temas citados. Porém, a pessoa entrevistada citou que não impactou a realidade do estágio vivenciada por ela. Foi relatado que “A disciplina foi rica, mas abordou apenas questões extremas, sem privilegiar as nuances do cotidiano escolar (na minha visão). Assim, apesar de permitir um grande debate sobre o tema, não impactou diretamente na minha experiência durante o estágio” (Paula).

Do mesmo modo, houve aqueles que citaram que não tiveram nenhuma formação obrigatória nesse sentido e argumentaram: “acredito que seria importante ser trabalhada na Universidade, pois nas escolas as crianças já falam sobre a temática, e muitas vezes ficamos sem saber o que fazer com algumas perguntas ou falas feitas pelas crianças” (Valdemir). Ou seja, essas respostas foram discrepantes, principalmente pelos entrevistados não citarem as mesmas disciplinas. Então, podemos criar a hipótese de que, por vezes, a temática em pauta nesta pesquisa pode ter sido trazida para debate em sala de aula, mas não por fazer parte do conhecimento trabalhado nas disciplinas, e sim, por uma demanda da turma. Tive essa interpretação, porque a maioria das respostas cita as abordagens como superficiais ou muito teóricas e, citando a dificuldade de criar conexões com as práticas dos estágios.

Porém, a maioria das respostas citou um anseio por uma formação mais prática e direcionada para lidar com as realidades cotidianas das escolas, além de demonstrarem interesse em saber adaptar a discussão da temática às diferentes faixas etárias. Por fim, todos os alunos afirmaram que não participaram de disciplinas optativas na graduação que abordassem a sexualidade e as questões de gênero e como trabalhar esses temas na escola de Educação Básica.

Sabendo disso, os discentes citaram ocorrência de questões relacionadas à sexualidade, gênero e descobrimento por parte das crianças durante os estágios de Educação Infantil e Ensino Fundamental. A maioria dos entrevistados citou ter presenciado em sua aula, ou nas aulas observadas dos colegas, situações que envolviam aspectos de gênero e comportamentos relacionados à sexualidade. Os elementos mais citados na pesquisa foram os comentários pejorativos e comportamentos inadequados (como passar a mão em partes íntimas dos colegas e até das professoras). Enquanto alguns participantes não mencionaram situações específicas (Maria e Paulo), a maioria relatou casos diretos (Valdemir, Luiza, Ana, Paula, Alberto, Matheus).

Outra multiplicidade de respostas analisada nesta pesquisa foi a questão de como os discentes perceberam essas situações. Alguns consideram “natural” para a faixa etária (Matheus), do Maternal 2 e o 5º ano do Ensino Fundamental, enquanto outros encaram como desafios que precisam ser abordados com cuidado, de maneira sensível, e com intervenção docente (Luiza, Ana). Além disso, citaram a

relevância de um preparo específico, demonstrando preocupação com a manutenção de um ambiente respeitoso e inclusivo. Nessa questão, mais uma vez foi citada a importância observada e vivenciada nos estágios sobre a necessidade de discutir esses temas na formação inicial dos professores, e, mais uma vez os discentes apontaram a frequência do surgimento da temática durante as aulas ministradas como justificativa para essa necessidade.

Percebi que, apesar da variabilidade, as questões relacionadas à sexualidade e gênero são significativas e surgem nas interações escolares. Além disso, acredito que, a diversidade e a quantidade de situações trazidas pelos entrevistados enfatizam a necessidade e a importância de a formação inicial aprofundar de maneira teórica, mas também de maneira prática, a inserção dessa temática no cotidiano escolar nas aulas de Educação Física, para que os futuros professores consigam lidar de forma eficaz e sensível com essas questões no ambiente escolar.

Apesar de alguns participantes mencionarem intervenções imediatas ou posteriores às situações, como conversas com os alunos envolvidos (Valdemir e Luiza), alguns afirmaram não ter passado por nenhuma situação desse tipo (Paulo e Alberto). Já outros apresentaram o relato de que não intervieram diretamente (Ana). Também houve um entrevistado que optou por não responder a essa pergunta. Porém, dois entrevistados utilizaram o mesmo termo de “ficar sem reação” (Valdemir e Ana), e, o termo acabou chamando minha atenção, pois corrobora o que foi citado anteriormente, na revisão bibliográfica, sobre “atuar com medo”.

Visto que, durante o questionário, a importância da supervisão e apoio dos professores orientadores, supervisores e dos colegas foi muito citada, penso que quando não houver esse tipo de apoio possibilitado nos estágios, será que esses professores, que ficaram sem reação e optaram por deixar que outros colegas ou professores fizessem a intervenção, iriam atuar com medo?

Posto isso, outra resposta que me chamou atenção foi “eu costumo intervir abordando explicitamente o assunto para causar um certo espanto neles (alunos), só que maneira científica, para que os alunos percebam e naturalizem algumas questões como deve ser” (Matheus). Por meio dessa resposta, tive a reflexão de como o espanto pode ser traumático para as crianças e em como essa pode ser uma forma, talvez inconsciente, de estabelecer um distanciamento sobre a temática pela defasagem didática.

Sobretudo, gostaria de salientar outra parte dessa resposta, trazendo a reflexão de que nem sempre, o aspecto científico é a melhor opção, tanto por acabar diminuindo as temáticas e tratando-as como puramente questões anatômicas ou higienistas e, também, pelas situações socioculturais e de faixa etária. Afinal, uma comunicação sobre conhecimentos científicos com a Educação Infantil na fase do descobrimento, por exemplo, seria complexa e não me parece a melhor opção.

Portanto, acredito que essas respostas refletem nitidamente as lacunas da falta de disciplinas sobre a sexualidade na formação inicial. O conhecimento sobre como e quando intervir é fundamental para promover a conscientização e o respeito entre as crianças, mesmo que essas situações não tenham ocorrido com todos os entrevistados, provavelmente todos eles, em algum momento, irão enfrentar situações desta natureza no cotidiano escolar.

Alguns entrevistados mencionaram sentir receio após vivenciarem situações relacionadas à temática de sexualidade, como um aluno [da escola] mencionando partes íntimas de outra criança (Valdemir), ou o desconforto para intervir (Ana). E, apesar da Maria ter citado que não vivenciou nenhum aspecto relacionado a questões de sexualidade, quase ao fim do questionário, ela citou a gravidez de uma aluna, ou seja, muitas vezes normalizamos aspectos por não termos saberes suficientes para agir, mas também acabamos, de certa forma, ignorando fatores que estão explícitos, seja por uma lacuna didática ou pelos sentimentos de medo, ansiedade e receio.

Então, enquanto alguns não citaram situações que os fizessem sentir medo ou desconforto (Paulo e Matheus), podemos e devemos comparar ao comentário anterior de “deixar os alunos espantados” (Matheus). Frente a isso podemos notar que, talvez, essa tentativa de espanto, seja na verdade um método para acabar com a discussão pelo sentimento vivido pelo entrevistado, mas nem sempre admitido. Da mesma forma que outros entrevistados enfrentaram desafios, tais como, comentários sexistas ou de gênero (Paula) e a preocupação com o impacto de suas intervenções na dinâmica da sala de aula (Alberto).

Do mesmo modo, podemos analisar o contexto do estágio que influencia diretamente as atitudes dos professores em formação, como no caso de lidar com crianças muito pequenas (Luiza) ou estar sendo avaliado durante o primeiro estágio de docência (Alberto). Mas, a maioria expressou desejo por mais preparo

pedagógico para lidar com essas situações de forma mais eficaz e educativa (Luiza, Ana).

Outro fator que também foi citado trata da busca de desenvolvimento de habilidades, não só pedagógicas, mas emocionais, para lidar com as demandas das crianças. E, acredito que as respostas são capazes de refletir, mesmo que minimamente, as reações pessoais e o peso sentimental e emocional dos relatos, tanto para as crianças, quanto para os professores em formação. Além das situações vivenciadas com as crianças durante os estágios, alguns dos entrevistados também citaram casos mais institucionais, como a resistência dos pais ao uso de nome social de seu filho na escola (Paula), ou comportamentos discriminatórios por parte de outros professores (Alberto), casos de homofobia por parte da escola para com os pais de um aluno (Ana), casos de estereotipação de brinquedos e objetos, partindo de professores da instituição em que “estavam forçando meninos a brincar com "brinquedos de menino", ou desestimulando meninas a ter comportamentos que "não são de mocinha" e coisas desse tipo” (Alberto). Outro exemplo sobre as questões institucionais foi narrado, na situação, um grupo de profissionais foi palestrar em uma escola sobre temáticas tangentes à juventude e “Um deles deveria falar sobre gênero, transexualidade e estes temas. A pessoa foi proibida de falar nisso e teve que abordar outros temas mais "leves” (Luiza). Segundo a narrativa, a escola responsabilizou os pais dizendo que “não iam gostar e como tem alunos trans eles não querem "mexer" nisso” (Luiza).

Outro tópico do questionário foi em relação à elaboração de um Plano de Aula ou Plano de Ensino para trabalhar sexualidade, questões de gênero e curiosidade/descobrimto das crianças nas aulas de Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Com isso, vários entrevistados expressaram que o curso de Licenciatura em Educação Física não abordou suficientemente esses temas (Valdemir, Ana, Alberto). Por consequência disso, a maioria dos entrevistados indicaram a importância e a necessidade de buscar conhecimento adicional por meio de cursos, pesquisas ou consulta a bibliografia especializada ou, pelo menos, após aprofundar seus conhecimentos, para então conseguir elaborar um plano de aula ou de ensino (Luiza, Maria, Paula, Paulo e Matheus). Uma pessoa destaca ter adquirido conhecimentos específicos através de professores ou disciplinas, que não foram especificados, o que a capacitaria para desenvolver planos de aula (Maria).



A última pergunta foi referente a percepção de tabus ou temas explicitamente proibidos durante seus estágios (Valdemir, Maria e Paulo). As respostas indicaram que não conseguiram construir essa percepção (Luiza), ou que não recordam (Matheus). Outras destacaram que, mesmo que não tenha percebido questões explícitas, havia ataques velados na abordagem de questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar (Paula), em ainda, foi notada a resistência por parte dos docentes (Alberto). E, a mais explícita foi o relato no qual houve um tratamento diferenciado por parte da escola e docentes, causada pela relação homossexual entre as mães de um aluno (Ana).

Por fim, posso salientar que todos entrevistados reconhecem a importância de um preparo (teórico e prático) para lidar e saber intervir na temática da sexualidade no âmbito escolar. Porém, com as existentes lacunas curriculares, um dos métodos mais citados, para obtenção de informações e para discussão desse tema, foi a participação de seminários de estágio que ocorrem entre alunos da licenciatura em Educação Física da UFRGS no final de cada semestre letivo, onde além de compartilhar experiências, também são compartilhadas estratégias, possibilitando debates e discussões.

Além de que, as respostas propõem a importância de uma formação com maior ênfase em como lidar/intervir com questões de sexualidade, gênero e descobrimento infantil na Educação Física. Ou seja, é observada uma lacuna didática na formação inicial que impossibilita o desenvolvimento dessas temáticas. As respostas destacam a complexidade de desafios que surgem ao lidar com essas questões durante os estágios, mas também demonstram a falta de conhecimento específico.

#### **4.3 Atmosfera Docente: A importância dos saberes sobre a sexualidade na Formação Inicial**

Na atmosfera discente podemos perceber que há um consenso de que há importância de um preparo com maior ênfase para atuar na temática da sexualidade, que aparece com frequência, no âmbito escolar com as infâncias. Também, conseguimos visualizar as lacunas curriculares na formação inicial de licenciados em Educação Física pela UFRGS. Além disso, conseguimos deduzir que essa lacuna

didática impossibilita o desenvolvimento eficiente dessas temáticas por parte dos discentes que possuem um conhecimento escasso sobre o assunto.

Sabendo disso, adentramos na atmosfera docente, na qual entrevistei um professor que ministra as únicas duas disciplinas do curso de Licenciatura em Educação Física que possuem sexualidade em sua súmula. Para que consigamos manter a linha de raciocínio explicarei brevemente as disciplinas, que são essas:

<b>DISCIPLINA</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>ETAPA</b>
EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE	Créditos: 4	4
DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	Créditos: 2	5

Título: Disciplinas, carga horária e etapas.

Fonte: Organizado pela própria pesquisadora.

Na disciplina “EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE” os assuntos são divididos em módulos e envolvem grandes temas, onde há um conjunto de aulas introdutórias e na sequência são adentrados nos módulos mais específicos, sendo um desses módulos o das relações de gênero e da diversidade sexual, essa temática dura entre 4 e 5 aulas. Durante essas aulas o foco acontece nos grandes conceitos analíticos, mas não só para gravá-los, mas para aprender conceitos e aprender, principalmente, a operar com eles em diferentes contextos.

Para discorrer sobre essa conceituação em diferentes contextos são utilizados métodos de estudo de caso, por exemplo, ao citar o caso de doping vivenciado por Rebeca Gusmão que, por decorrência da presença de uma substância proibida acusada no antidoping, além de perder suas medalhas foi, também, banida do esporte, enquanto César Ciello, atleta que também foi pego no antidoping, recebeu uma advertência. O professor expõe os casos e presume que os alunos irão criar um debate, dessa forma, o objetivo pode ser parcialmente cumprido, pois por meio da discussão os alunos passam a argumentar e utilizam as terminologias aprendidas, nem sempre a terminologia correta. Por exemplo, em uma das situações citadas pelo professor durante a aula, um dos alunos colocou sob discussão a veracidade de um caso de violência doméstica. Isso gerou uma

discussão em que uma aluna disse que o colega estava “passando pano para o agressor”, que seria uma gíria para que significa que o estudante estava defendendo o agressor. Dessa forma, o professor intervém apresentando o embasamento terminológico e, conseqüentemente, cumprindo com seu objetivo. Nesse caso, ele acionou a teoria dos suportes dos pares masculinos, a qual explica que mesmo que dois homens não se conheçam, há protecionismo entre eles, no qual, muitas vezes, eles colocam as vítimas e suas evidências sob suspeita para proteger seu par.

Durante a entrevista, o professor evidencia que as aulas de sexualidade mobilizam bastante os alunos e eles trazem um conjunto de perguntas. A partir dessa abertura, perguntei se os alunos trazem perguntas referentes ao estágio docente. O professor citou que dificilmente algum dos alunos já realizou ou está realizando algum dos estágios, visto que é uma disciplina da quarta etapa e, eventualmente, eles trazem algo sobre os estágios não obrigatórios. Contudo, quando trazem as experiências dos estágios, o professor percebe, de certo modo, algumas compreensões equivocadas, as quais citarei posteriormente.

Ou seja, nessa disciplina, é fundamental aprender conceitos e a operar com eles para analisar o contexto e compreender os conceitos na realidade. Porém, não aparecem muitos casos da licenciatura para debate, possivelmente por ainda não terem feito o estágio. Mas, o professor cita que os alunos, no momento de formação que se encontram durante a disciplina, o acionam pouco para tratar sobre sexualidade na infância, pois vários deles não pretendem ir para a licenciatura. Ou seja, a infância acaba não sendo abordada especificamente na disciplina, mas busca trazer na teoria a possibilidade de discutir nas disciplinas de Fundamentos da Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, posteriormente, e conectar com situações vivenciadas nos estágios.

Já em outra experiência do professor, dessa vez, ministrando aulas na formação inicial do curso de Pedagogia, o entrevistado relata que a temática da sexualidade na infância surgia com muita frequência, sobre pais, sobre crianças. Contudo, na Educação Física não funciona do mesmo modo, pois aparecem poucas coisas e, muitas, equivocadas. Além disso, o professor relata que alguns alunos dizem que debater sobre isso “é dos antigos, hoje em dia as crianças têm mais liberdade de expressão”. Apesar da compreensão distorcida, tendo em vista o crescimento do conservadorismo na sociedade hodierna, o professor entrevistado

diz que a carga horária e a etapa da disciplina estão adequadas, existe uma maturidade da turma, mesmo com alguns equívocos, os alunos conseguem trazer questões de outras disciplinas que agregam nas discussões.

Diante disso, podemos seguir para a disciplina “DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS” onde existe uma retomada de conceitos, para que haja a produção de um projeto que possa ser colocado em prática na escola. Dessa forma, a disciplina discorre pelos campos da legislação, citando leis que amparam e asseguram as discussões sobre gênero, sexualidade e raça nas escolas. O entrevistado expõe que percebe que os alunos na formação inicial têm a dúvida de não saber se podem discutir gênero e sexualidade, pelo contexto de conservadorismo de ideologia de gênero. Então, há uma aula específica para discutir legislação, na qual, os alunos identificam nos documentos o que justifica e legitima a prática pedagógica dessas temáticas. Ainda sobre a disciplina, perguntei como ocorrem as definições do projeto, por exemplo, como ficam decididas as faixas etárias para elaboração do projeto pedagógico na disciplina, e o professor citou que essa escolha fica a critério dos alunos e que, geralmente, eles escolhem, principalmente, os anos iniciais e finais do ensino fundamental.

Outrossim, questionei também, sobre a carga horária e, nessa disciplina, o professor entrevistado expôs que 2 créditos é desafiador. Citou que a ideia inicial da disciplina contava com um conjunto de observações em uma escola, mas por consequência da carga horária, essas observações não são possíveis, por não poderem ser contabilizadas nos créditos. Ademais, ele considera que a disciplina não se encontra na etapa mais adequada, tendo em vista que se ela estivesse em meio aos estágios, as discussões poderiam ser mais ricas e as questões vivenciadas nos estágios poderiam ser tratadas, também, em aula. Portanto, o entrevistado acredita que, tanto a carga horária, quanto a etapa, estão inadequadas. O professor discorre que gostaria que eles estivessem no estágio durante a realização da disciplina, pois a ideia era aproveitar o diagnóstico de campo do estágio para eles pensarem possibilidades de inserção, não necessariamente produzir um projeto para realizar no estágio, mas com a experiência do campo, elaborar projetos possíveis.

Com esse conhecimento prévio sobre ambas as disciplinas, comecei a tratar mais especificamente da temática da sexualidade, carregando o questionamento da

visão do entrevistado referente a importância de disciplinas que trouxessem esse tema, especialmente, na licenciatura. Prontamente fui respondida sobre o quanto fundamental são essas questões. O entrevistado cita que já existem discussões bizarras por causa do conservadorismo, compreensões distorcidas e, muitas vezes, equivocadas. Por isso, pensar nesses debates é fundamental, pois na escola trabalhamos com essas discussões com frequência, e se não houver alguém que valide os projetos das pessoas que buscam trabalhar esses temas, elas vão sentir medo, elas vão sentir angústia e, possivelmente, desistir.

Afinal, os profissionais, geralmente, não se sentem seguros para trabalhar com isso, ainda mais sem apoio. Na entrevista o professor evidencia, principalmente, as instituições privadas, pois o emprego está em jogo e, ainda, narra que ao ir entrevistar uma equipe diretiva, essa equipe recebeu notificação extrajudicial de uma família que alegou não querer que o debate de gênero acontecesse com o filho deles na escola. Porém, nós temos amparo da BNCC, legislação, documento pedagógico do Rio Grande do Sul, lei municipal de Porto Alegre, ou seja, tratar questões de gênero é estar cumprindo a lei.

Uma frase impactante que o entrevistado citou foi que “nós não precisamos justificar o ensino do vôlei, mas há necessidade de apoio e de justificativa para trabalhar sexualidade” (Entrevista docente tal, data da entrevista). Apesar disso, ainda acredito que existem lacunas na formação inicial para entender o tema e trabalhá-lo com propriedade e, até mesmo, o entrevistado menciona que aprendemos muito sobre o lado científico dos marcadores de idade, quando se deve ficar de pé, andar, correr, galopar, o que acaba deixando tudo muito técnico e pragmático. E, só com esses conhecimentos reduzidos, de somente delimitar idades para saber executar tarefas, não temos uma noção integral quando chegamos nos estágios e nas escolas.

A Educação Física não consegue trazer debates como a sexualidade, gênero e outros, pois não aprendemos as individualidades e intercorrências sobre descobrimento e, além de termos uma tendência, somos instruídos a assexualizar as coisas, portanto não aprendemos a intervir nas questões de sexualidade, afinal, não era só agarrar e chutar? Para mais, o entrevistado evidencia que apesar do conhecimento acadêmico, apenas a experiência trará o jogo de cintura para o cotidiano.

Em meio a entrevista, obtive alguns relatos muito interessantes sobre o professor da Graduação que, ainda em seu mestrado, estava em um grupo de sexualidade e gênero. E, segundo ele, os sentimentos de angústia e dúvida estavam extremamente presentes na hora de pensar uma proposta que levasse gênero e sexualidade para a escola. Com isso, podemos notar o quanto esses sentimentos permeiam as vidas dos professores quando essa temática vem à tona.

Outro relato, que se interliga com o assunto supracitado na revisão bibliográfica, trata da educação sobre a sexualidade como meio de promover uma descoberta segura, podendo prevenir abusos e assédios. Infelizmente, durante a entrevista, houve um relato sobre uma criança que chegava na escola todos os dias reclamando que o padrasto havia comido o biscoito dela, e o corpo docente pensava que era algo sobre o café da manhã ou lanche da criança, mas com o passar do tempo, notaram que a criança chamava as partes íntimas de “biscoito” e, através disso, foi descoberto um abuso sexual infantil.

Para além disso, retomo a reflexão sobre os sentimentos de medo causados em alunos na formação inicial, mas também reforçados pelo professor universitário entrevistado, ou seja, é possível perceber a dificuldade de intervenção. Afinal, mesmo com tantos relatos, com tantos casos rotineiros, a escassez de disciplinas que abordam a sexualidade é questionável. E, apesar de já ter citado, a rigidez curricular no curso de Educação Física, como uma provável consequência do histórico da área, fortemente impactado pela abordagem biológica e funcionalista em torno do corpo e do movimento humano, ainda hoje, presente em suas matrizes curriculares (Vasconcelos; Ferreira, 2020). Ainda assim há uma grande demanda que contrapõe essa rigidez curricular, que sobrecarrega a saúde mental dos futuros docentes e que demonstra o quão negligente a Graduação pode ser perpetuando o medo, as angústias, os receios e, também, o patriarcado, os estereótipos e a desigualdade. E, por conseguinte, perpetuando o não cumprimento das legislações e dos documentos pedagógicos pela falta dos saberes.

Por fim, acredito que reformulações curriculares seriam positivas para abraçar melhor as questões de diversidade, inclusão e didática em temas transversais, como a sexualidade.

#### **4.4 Atmosfera prática: A importância dos saberes sobre a sexualidade na Formação Inicial**

Durante os estágios docentes, realizei diversas observações que foram anotadas em diários de campo, as quais, neste Trabalho, utilizarei como base do tópico de análise da atmosfera prática. Além dos relatos já narrados na aproximação ao problema de pesquisa, nos quais utilizei como suporte os diários de campo realizados nos estágios docentes que realizei.

Neste momento, recapitulando, narrei como meu maior baque do Estágio de Docência do Ensino Fundamental, quando um dos alunos falou “fogo no [orifício anal] da fulana”. Na época, tratei como mais uma das resoluções de conflito e chamei o aluno no particular pela dificuldade, tanto de intervir, quanto de saber tratar o assunto de forma eficaz, na frente de toda a turma em um primeiro momento. Nessa conversa, procurei mostrar para ele o quão errada essa frase estava, não apenas pelo palavrão utilizado, expus que não era apenas questão de ser “feio”, como muitos membros docentes falavam sobre palavrões, que eram recorrentes vindo dessa criança específica, mas busquei tratar a questão do respeito e da empatia.

Embora eu tenha conhecimento sobre a dificuldade de abstração ainda presente na faixa etária do terceiro ano do ensino fundamental, creio que fazia parte do meu papel evidenciar para ele e, posteriormente, para os demais colegas o quão prejudicial frases como aquela poderiam ser. Acredito que viver essa situação foi a maneira mais explícita para que eu pudesse perceber que a educação sexual era um tabu, que era desafiador e que nenhum dos meus colegas, nem eu, sabíamos como abordar a temática. A educação sexual ainda vem sendo vista como um tabu, ainda mais pelo crescente conservadorismo na sociedade, o qual dissemina, além de notícias falsas, também equivocadas, sobre a educação sexual, por exemplo, com Fake News envolvendo materiais utilizados para educação sexual.

No entanto, enxergo e acredito na importância desse tema, que serve como aliado para prevenir a gravidez precoce, a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis. Mas, ademais, é capaz de atuar na autoaceitação, desconstruir preconceitos e prevenir assédios e abusos, a meu ver, tanto prevenindo a vítima, como podendo desconstruir um potencial assediador. Algumas das situações

observadas e narradas em meu diário foram, por exemplo, desenhos de partes íntimas; estereótipos reforçados na escola, por exemplo, “azul de menino, rosa de menina”; linguajar inadequado e confuso ao se referir a determinadas partes do corpo, dentre outros. Outrossim, a falta de discussão sobre essa temática, gera normalizações de ações e medo na hora de intermediar falas e atitudes e, conseqüentemente, perpetua as tipificações da sociedade. Contudo, venho observando essa falta de discussão não só nas escolas, mas na formação inicial.

Nesse sentido que, enquanto professores, acredito que devemos, no mínimo, questionar o motivo da educação sexual ainda ser um tabu, inclusive na Universidade. Afinal, este é um assunto delicado, frequente e desafiador, fator que, pela falta de domínio e conhecimento, nos deixa sem reação, como foi citado por muitos dos entrevistados nesse Trabalho. Portanto, por que não questionar onde se insere a temática da sexualidade na formação docente?

No trabalho final do Estágio de Docência no Ensino Fundamental, apresentei os conceitos de Freud (1985) que procura explicitar que na vida infantil, as experiências de caráter traumático acontecem e deixam marcas na estrutura da personalidade do indivíduo e que, nessa fase, a criança começa a sentir vergonha devido à moral imposta. Logo, penso que a falta de um conhecimento didático e do tratamento sensível sobre a sexualidade perpetua o acontecimento dessas experiências traumáticas para as crianças e de um ambiente não inclusivo.

Nos registros no Diário de Campo, também refleti sobre a questão do estágio do desenvolvimento em que as crianças se encontram, principalmente, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. No caso, elas estão no pré-operacional intuitivo e migrando para o operatório concreto, segundo Gallahue (1982). Ainda segundo o autor, de acordo com os marcos do desenvolvimento, a interação com o mundo externo é muito presente e o grupo passa a ter mais relevância que os pais, ou seja, a criança quer ser aceita pelos seus pares. E, ainda, tem muito presente a questão do egocentrismo e exibicionismo que, no meu ponto de vista, levam-nas a serem mais instigadas a falarem sobre os assuntos proibidos, como os da sexualidade, para assim, serem aceitos e conseguirem elevar sua autoestima melhorando seu autoconceito.

É importante lembrar que nessa fase, segundo Gallahue (1982) as crianças ainda não realizam grandes abstrações, então, elas ainda não sabem das



consequências de seus atos e falas e, caso não haja intervenção, creio que as chances de continuarem propagando e repetindo essas falas seja ainda mais alta. Aliado a isso, o autor ressalta, a dificuldade de regular? as emoções (autorregulação).

Ou seja, esses achados complementam o assunto citado anteriormente que os modelos masculino e feminino são construídos socialmente, segundo Bruschini (1981), e não biologicamente. Visto que, a partir de atitudes, muitas vezes, os membros docentes reforçam os estereótipos de coisas de menino e coisas de menina, fazendo com que as crianças sejam induzidas a optar por determinada cor ou brinquedo, por consequência de modelos socialmente estabelecidos, normalizados e reforçados no âmbito escolar. Já que, como mencionado anteriormente, as primeiras construções se estabelecem nas brincadeiras das crianças, desde a tenra idade.

## CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Durante a escrita desse Trabalho, eu estava realizando o último Estágio de Docência no Ensino Médio. E, no decorrer do estágio, ministrei aula para uma turma que havia uma menina transgênero assumida. A turma aceitava bem, em sua maior parte, apesar de haver uma objetificação por parte de alguns dos meninos do colégio. Porém, era notável o quanto o assunto era invisibilizado pela maioria dos docentes da instituição.

Posto isso, gostaria de compartilhar que outro aluno, através de uma atividade que eu ministrei sobre identidade, se assumiu transgênero. Após essa atividade, decidi conversar em particular com o aluno em questão, que era um menino transgênero. Ele narrou que a representatividade da menina trans era algo que servia como motivação para que ele pudesse se assumir, no entanto, ele nunca havia tido abertura para conversar sobre isso. Então, perguntei como ele gostaria de ser chamado, se ele gostaria de se assumir para o restante da turma para que todos pudessem chamá-lo pelo pronome certo. Na hora, ele se emocionou e me abraçou, e eu senti o peso da invisibilização, do medo da não-aceitação e, também, o peso de uma escola que não produz um ambiente inclusivo.

Depois disso, eu fui capaz de sentir na pele a importância de trabalhar sobre essa temática desde os anos iniciais, posto que muitos docentes do colégio insistiam em chamá-los pelos seus antigos nomes ou pelo chamado “nome morto”, termo utilizado para os nomes que precedem a transição de gênero, sendo que a menina, inclusive, já era maior de idade e possuía sua carteira com o nome social. Portanto, pedi autorização para o professor do colégio para começar a listar a presença dos alunos e eu sempre os chamei de acordo com a vontade deles, respeitando seus pronomes e, ao invés de acharem isso “normal”, a expressão de espanto, surpresa e felicidade, era nítida no semblante dos alunos.

Lembrando que esses fatos aconteceram em, mais ou menos, 2 meses de estágio, que ainda foi interrompido pelas enchentes e voltou com uma carga horária reduzida. Eu possuía apenas 2 períodos semanais com essa turma enquanto o outro docente já estava com a turma desde o início do ano e possui mais períodos, porém não se mostrava tão sensível a essas temáticas. Dito isso, ao conversar com o docente em questão, soube de sua opinião de que essa transição era apenas “uma

fase ou moda” e, uma forma de “chamar atenção, exibicionismo”, segundo o docente, que prosseguiu dizendo que a escola deveria contratar uma psicóloga para esses casos, visto que esses jovens transgêneros eram, segundo o docente, prováveis casos de abuso sexual que fizeram com que os jovens renegassem seus gêneros biológicos e tivessem vergonha de seus corpos.

Além disso, o corpo docente parecia se importar muito mais com a repercussão e com a influência que isso teria para os colegas e não com o aluno que poderia ser discriminado e excluído. Apresento a reflexão de que, segundo o Referencial Curricular do Rio Grande do Sul (2018) e a Base Nacional Comum Curricular (2017), a função social da instituição escolar é formar cidadãos, capazes de exercer sua cidadania, por meio de experiências que levem a reflexões e conhecimentos. Nesse caso, a função institucional é olhar para o aluno, entender o contexto e fazê-lo ser capaz de ter uma formação integral. E, com esses comentários, eu me pergunto, será que se os professores tivessem conhecimento sobre a sexualidade, o gênero e suas implicações, falas como essa seriam perpetuadas pelo corpo docente? Ou essas falas seriam trabalhadas e problematizadas em aula para formação cidadã do aluno?

Nesse sentido, gostaria de citar que a instituição de ensino em que estudei durante toda minha vida acadêmica da formação básica perpetuava a segregação de gênero em ambientes como auditório, nas aulas de Educação Física e em todos os espaços que fossem possíveis, além de tentar amenizar as diferenças, proibindo qualquer tipo de adereço. Acredito que esses relatos demonstram a importância, não só de uma reformulação curricular, de especializações e de ambientes mais inclusivos, mas também de mais pesquisas sobre essa temática. Assim, acredito que para que haja mudança, deva existir o debate.

Retomando a reflexão, mesmo que a escola e a família das crianças se esforcem para silenciar a educação sexual, fazendo com que não haja debate dentro das instituições, como disse um dos entrevistados, para não “mexer” nessas pautas, as crianças, ainda assim, estão expostas a esses conteúdos em outros ambientes, através da construção social que, por conseguinte, é reforçada na escola.

Os argumentos citados acima foram vistos no estudo de Guerra (2005) no qual, ela cita em seu diário de campo que, mesmo com restrições impostas pelos adultos, as crianças, ainda assim, buscam explorar sua sexualidade. Estes

argumentos se relacionam com a pauta que foi trazida na entrevista dos discentes que citaram esses como casos institucionais, tais como: a resistência dos pais que influencia a decisão da equipe diretiva das escolas e, também, das escolas, nas quais os docentes reproduzem repressões, comportamentos discriminatórios, além dos citados ataques velados na abordagem de questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar.

Ou seja, as crianças, ainda assim, estão expostas a fatores que instigam a curiosidade infantil, como percebemos no Clube do Fedor ou, evidenciados nas entrevistas feitas por mim, nas quais foram citados os “comportamentos inadequados”, considerados o passar a mão em partes íntimas dos colegas, e até das professoras. Atitudes que, acabam culminando no famoso receio e dificuldade frente às situações inesperadas citadas pelos entrevistados, apesar de terem relatado intervenções imediatas ou posteriores, contudo a maioria das pessoas entrevistadas utilizou a presença de termos como: medo, ansiedade, desconforto, o “ficar sem reação” e a necessidade de causar espanto referente a essa temática.

Dito isso, podemos perceber semelhanças entre o estudo de Leite (2005), Cólis e Souza (2020), Guerra (2005) e com a atual pesquisa, pois em todas houve a constatação da insegurança para abordar a sexualidade pelos docentes. Adicionalmente, podemos perceber a semelhança dos medos citados, tais como a repressão institucional, restrição dos pais ou familiares e, por fim, a falta de conhecimento sobre o assunto.

Todavia, é relevante que o docente saiba atuar de forma lúdica e segura, especialmente se tratando de crianças, na construção do conhecimento sobre sexualidade, segundo Garbarino (2021). E, as situações relatadas pelas demais pesquisas e pelos entrevistados desta pesquisa, em minha opinião, deixam nítida a importância de tratar sobre a temática da sexualidade com as crianças. Assim como, por exemplo, é previsto em diversos Projetos Políticos Pedagógicos escolares, tal como no PPP da Escola de Educação Infantil da cidade de Porto Alegre, o qual menciona a inclusão de aspectos de gênero e orientação sexual. Além de que, como aponta a disciplina “DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS” existe o estudo da justificativa legal da prática pedagógica dessas temáticas, citada pelo professor entrevistado. Ou seja, podemos perceber um

avanço com a percepção curricular da presente necessidade de saber legitimar essas práticas.

Apesar de que, atualmente, na disciplina “EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE” sejam ensinados conceitos que permeiam a educação sexual e os alunos tenham que analisar o contexto e operar com os conceitos em situações reais e cotidianas, é importante lembrar que o entrevistado indica que praticamente nenhum dos alunos realizou ou está realizando algum dos estágios. Ou seja, acredito que por se tratar de etapas diferentes entre disciplina e estágios, seja mais difícil agregar os conceitos à vivência escolar, como foi citado por um dos discentes entrevistados. Também, creio que ao pensarmos nas infâncias, a dificuldade de comunicação citada nas entrevistas também prejudique a utilização dos conceitos e sua aplicação na realidade educacional.

Diante disso, como foi dito por um dos entrevistados, a disciplina de “DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS”, a qual possui maior especificidade com a escola, acaba tendo uma carga horária insuficiente. Para além disso, ainda há a falta do conjunto de observações, que enriqueceria a disciplina, podendo fazer com que a produção final de um projeto ficasse ainda mais alinhada com a realidade escolar experimentada. Já que, mais uma vez, por não se tratar de uma disciplina que está na mesma etapa que os estágios, as correlações acabam, a meu ver, se assentando em sentidos comuns trazidos pelos alunos e por uma realidade utópica de como seria o ambiente institucional e o comportamento das faixas etárias, podendo se aproveitar do diagnóstico de campo para estruturar um projeto muito mais possível de ser aplicado.

Posto isso, relembro a apreensão citada pelos entrevistados no questionário que está intimamente ligada à defasagem didática para compor e elaborar um Plano de Aula ou Plano de Ensino para trabalhar sexualidade, questões de gênero e curiosidade/descobrimto, pois urge a necessidade de buscar conhecimento adicional. Tarefa que, durante o estágio, se tornaria uma luta contra o pouco tempo que temos. Dito isso, acredito que se caso essa disciplina estivesse alinhada a uma observação ou aos estágios, poderíamos quebrar um pouco o paradigma de incapacidade de lidar sobre o tema apresentado pelos discentes de Educação Física.

Adicionalmente, o receio, bastante citado, de passar por situações relacionadas à temática de sexualidade novamente após vivenciarem desafios foi evidente nas entrevistas. Com isso, os discentes reconheceram a importância de abordar esses temas na formação inicial de professores, eles expressaram vontade pelo preparo didático para abordar a sexualidade na infância.

Posto isso, acredito que existem lacunas na formação inicial, mas que estamos indo de encontro ao caminho possível para preenchê-las e, como disse o professor entrevistado, há um foco no aprendizado do lado científico, por exemplo, dos marcadores de idade, e, na Educação Física temos a tendência de assexualizar as temáticas, além de, por vezes, desconsiderar individualidades e intercorrências. Em última análise, acredito que as informações se mostraram muito nítidas na necessidade da inclusão da sexualidade na infância, tanto para formar profissionais com maior potencial didático sobre a temática, quanto para criar ambientes mais lúdicos e seguros para que as crianças passem pelas suas descobertas.

Nesse sentido, ousar pensar que existem algumas lacunas institucionais na Graduação que causam uma defasagem didática que leva ao sentimento expressado pelas pessoas entrevistadas, tais como, o medo e o receio na hora da atuação docente. Portanto, podemos entender que essa temática poderia ser desenvolvida na formação inicial, para que seja, também, desenvolvida de maneira mais eficiente e sensível na educação básica, assim como sugere a legislação.

Apesar da pauta, atualmente, aparecer na súmula de duas disciplinas do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS, ainda existe a necessidade da inclusão da sexualidade, especialmente na infância, como tópico da formação inicial. Em última análise, a inclusão com um enfoque à temática da sexualidade na infância iria auxiliar, tanto para minimizar com a defasagem didática sobre a temática, quanto para criar ambientes mais lúdicos e seguros para as crianças da educação escolar.

Portanto, retomando o problema de pesquisa desse TCC: “Como os conhecimentos sobre sexualidade na infância estão presentes no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS e se materializam nos Estágios de Docência?”, pude perceber que eles não se apresentam de forma direta e, quando a temática se apresenta, acaba sendo de uma forma mais conceitual, em um primeiro momento e, em um segundo momento, na segunda disciplina, acaba se encaixando

em uma etapa que não contribuí para que as questões sobre a infância possam emergir. Por consequência, apesar de haver duas disciplinas com a abordagem da sexualidade, nenhuma favorece e explora a infância e a aprendizagem lúdica sobre a temática. Consequentemente, as conexões estabelecidas, entre os conhecimentos aprendidos e sua aplicação na prática pelos discentes entrevistados, se mostram, por vezes nulas, ou incapazes de combater os receios e as angústias que acompanham a jornada do estágio docente.

## REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, RJ, p. 69-82, 2013.
- BEZERRA, Ludmila Lins. Currículo, Gênero e Formação de Docentes. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, Diamantina, MG, v. 2, n. 3, p. 38-46, 2018.
- BLANKENHEIM, Thaís et al. A escola de educação infantil rumo a formação em sexualidade e gênero: explorando as motivações de profissionais do Rio Grande do Sul. **Revista diversidade e educação**. Rio Grande: FURG, 2013-. Vol. 8, n. 2 (jul./dez. 2020), p. 527-544., 2020.
- BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; ORIANI, Valéria Pall. Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na educação infantil. **Educação. UNISINOS**, São Leopoldo, v. 17, n. 02, p. 145-154, ago. 2013.
- CÓLIS, Eduardo Benedito; DE SOUZA, Leonardo Lemos. Infâncias, gênero e sexualidades: Uma investigação-intervenção com professores de educação indantil. **Revista latinoamericana de educación inclusiva**, v. 14, n. 1, p. 53-68, 2020.
- CROCIARI, Ariane; PEREZ, Marcia Cristina Argenti. O que estamos estudando sobre gênero na educação infantil: as lacunas na formação docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, SP, p. 1556-1568, 2019.
- FELIPE, Jane. Infância, gênero e sexualidade. **Educação & realidade**. LUME Repositório Digital, Porto Alegre, RS. Vol. 25, n. 1 (jan./jun. 2000), p. 115-131, 2000.
- FREUD, Sigmund. **Esboço de Psicanálise**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996.



GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. AMGH Editora, 2013.

GARBARINO, Mariana Inés. O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 63, p. e216316, 2022.

GUERRA, Judite. **Dos "segredos Sagrados": Gênero E Sexualidade No Cotidiano De Uma Escola Infantil**. LUME Repositório Digital, Porto Alegre, RS, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo Barbosa de Menezes et al. Projetos pedagógicos de curso em análise: gênero e sexualidade na formação docente. **Educação em Revista**, Manaus, AM, v. 39, p. e41675, 2023.

LEITE, Lucimar da Luz, MAIO, Eliane Rose. Representações de gênero e de sexualidade nas brincadeiras infantis e na docência: discurso, consolidação, resistência e ambivalência. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 25, n. 60, p. 681–6980, Maringá, PR. 2016.

POLONI, Luiz Henrique; FURLAN, Cássia Cristina. Educação Física escolar e as questões de gênero: a prática pedagógica em foco. **Motrivivência**, Florianópolis, SC, v. 34, n. 65, p. 1-22, 2022.

RIBEIRO, Cláudia Maria. Crianças, gênero e sexualidade: realidade e fantasia possibilitando problematizações. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 605-614, Florianópolis, SC, 2011.

RIBEIRO, Jucélia. "Brincar de osadia": sexualidade e socialização infanto-juvenil no universo de classes populares. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, suplemento 2, ENSP/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2003, pp.345-353.

SANTOS, Erica Guedes dos. **Como meninas e meninos interagem nos momentos de brincadeiras livres no pátio em uma escola infantil de Porto Alegre?** LUME Repositório Digital, Porto Alegre, RS, 2011.

SAYÃO, D. T. A construção de identidade e papéis de gênero na infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física infantil. **Pensar a Prática, Goiânia**, v. 5, p. 1–14, 2006.

SILVA, Beatriz Barreto; MEZZARROBA, Cristiano. Resenha do livro Educação Física e sexualidade: desafios educacionais. **Motrivivência**, v. 33, n. 64, 2021.

SOSTISSO, Débora Francez. **Interfaces entre gênero, Infância e Escola: dialogando com crianças**. LUME Repositório Digital, Porto Alegre, RS, 2009.

VASCONCELOS, Camila Midori Takemoto; FERREIRA, Lílian Aparecida. A formação de futur@s professor@s de educação física: reflexões sobre gênero e sexualidade. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, MG, v. 36, p. e209700, 2020.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ENTREVISTA)

**Porto Alegre dia \_\_\_\_\_, de maio de 2024.**

Você está sendo convidado(a) a participar de um estudo sobre A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA SEXUALIDADE INFANTIL NA GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA.

Dessa forma, peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua assinatura, sua participação neste estudo.

#### **1) Objetivos do Estudo:**

- a) Compreender como os conhecimentos sobre a sexualidade na infância aprendidos no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS são mobilizados pelos estudantes de Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS na realização dos Estágios de Docência
- b) Compreender o que pensam os estudantes da Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS que já fizeram os Estágios de Docência na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (anos iniciais) sobre os conhecimentos construídos na graduação sobre a sexualidade na infância e se se sentiam seguros para trabalhar e intervir sobre essa temática durante os respectivos Estágios;
- c) Compreender o que pensa o professor da Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS que ministra as disciplinas de “EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE” e “DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS” sobre a importância de disciplinas que promovam saberes sobre a sexualidade;
- d) Investigar a importância de abordar a temática da sexualidade na infância na Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS.

**2) Procedimentos:**

Participar de uma entrevista, previamente agendada, a ser realizada nas dependências da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com duração aproximada de uma (1) hora. A entrevista será gravada, transcrita e devolvida para sua confirmação das informações obtidas.

**3) Riscos e Benefícios do Estudo:**

Primeiro: Sua adesão como colaborador(a) deste estudo não oferece nenhum risco à sua saúde, tampouco o(a) submeterá a situações constrangedoras.

Segundo: Você receberá cópia da sua entrevista para validar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes de o texto ser transformado em fonte da pesquisa.

Terceiro: Este estudo poderá contribuir para o entendimento da importância de uma educação voltada para as questões de gênero e sexualidade durante a Formação Inicial de professores de Educação Física.

**4) Confidencialidade:**

Todas as informações obtidas, sob a responsabilidade da pesquisadora, preservarão a identificação dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizada.

**5) Voluntariedade:**

A recusa dos(as) participantes em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de obtenção de informações a qualquer momento, se assim for seu desejo.

**6) Novas informações:**

A qualquer momento os(as) participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o Trabalho de Conclusão de Curso e as contribuições prestadas, através de contato com a pesquisadora.

**7) Contatos e Questões:**

Paola Luiza Gomes Oliveira

Fone (51) 99103-7902

E-mail: paolagoliveira13@gmail.com

Lisandra Oliveira e Silva (Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso)

E-mail: lisgba@yahoo.com.br

Eu \_\_\_\_\_ declaro que concordo com os termos acima descritos para participar da entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso da graduanda em Educação Física - Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Paola Luiza Gomes Oliveira, tendo como orientadora Lisandra Oliveira e Silva.

\_\_\_\_\_

Assinatura Graduanda

\_\_\_\_\_

Assinatura Entrevistado

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Conte um pouco sobre a disciplina *EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE*. Quais conhecimentos/assuntos são desenvolvidos? Como são as aulas? Quais os principais desafios? Como são as turmas? O que considera que os e as estudantes aprendem na disciplina?

A disciplina *EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE* aborda as questões de gênero? Se sim, conte como isso acontece? Quais os conhecimentos/assuntos das questões de gênero são tratados na disciplina? Existe alguma conexão entre as questões de gênero e infâncias? Em caso negativo, as diferentes infâncias são abordadas na disciplina? Se sim, de que modo?

Como percebe a carga horária da disciplina *EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE* para abordar as temáticas da súmula?

Considera adequada a etapa do Curso em que está inserida a disciplina de *EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E DIVERSIDADE*?

-----

Conte um pouco sobre a disciplina *DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS*. Quais conhecimentos/assuntos são desenvolvidos? Como são as aulas? Quais os principais desafios? Como são as turmas? O que considera que os e as estudantes aprendem na disciplina?

A disciplina *DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS* aborda as questões de gênero e sexualidade? Se sim, conte como isso acontece? Quais os conhecimentos/assuntos das questões de gênero e

sexualidade são tratados na disciplina? Existe alguma conexão entre as questões de gênero e sexualidade com as infâncias? Em caso negativo, as diferentes infâncias são abordadas na disciplina? Se sim, de que modo?

Como percebe a carga horária da disciplina *DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS* para abordar as temáticas da súmula?

Considera adequada a etapa do Curso em que está inserida a disciplina de *DIVERSIDADE NA ESCOLA: PRODUZINDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS*?

-----

Como percebe a importância de disciplinas que promovam saberes sobre a sexualidade, questões de gênero e infâncias na formação de docentes de Educação Física?

Como percebe que os estudantes do Curso de Licenciatura em Educação Física tratam essa temática nos Estágios Docentes, por exemplo? Ou em algum outro local de atuação?

Nas disciplinas que ministra, os estudantes apresentam relatos de vivências dos estágios em que as temáticas sobre sexualidade, questões de gênero ou infâncias estejam presentes?

Na sua perspectiva seria importante uma disciplina específica para abordar a sexualidade, questões de gênero e descobrimento na infância?

## **APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (QUESTIONÁRIO)**

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre *A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA SEXUALIDADE INFANTIL NA GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA*.

Dessa forma, peço que você leia este documento antes de consentir, com o aceite, sua participação neste estudo.

### **1) Objetivos do Estudo:**

- a) Compreender como os conhecimentos sobre a sexualidade na infância aprendidos no Curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS são mobilizados pelos estudantes de Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS na realização dos Estágios de Docência
- b) Compreender o que pensam os estudantes da Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS que já fizeram os Estágios de Docência na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (anos iniciais) sobre os conhecimentos construídos na graduação sobre a sexualidade na infância e se se sentiam seguros para trabalhar e intervir sobre essa temática durante os respectivos Estágios;
- c) Investigar a importância de abordar a temática da sexualidade na infância na Graduação de Licenciatura em Educação Física da UFRGS.

### **2) Procedimentos:**

Participar de um questionário realizado virtualmente.

### **4) Confidencialidade:**

Todas as informações obtidas, sob a responsabilidade da pesquisadora, preservarão a identificação dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizada.

### **5) Voluntariedade:**

A recusa dos(as) participantes em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de obtenção de informações a qualquer momento, se assim for seu desejo.



## APÊNDICE D - Roteiro do questionário dos alunos

Quando o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil foi realizado? (Ano e semestre, exemplo: 2023/1)

Qual a turma e a faixa etária que realizou o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil? (Exemplo: M2A, 2-3 anos)

Em qual escola foi realizado o Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil?

Comente sobre como foi a experiência do Estágio de Docência de Educação Física na Educação Infantil. Pontos positivos, pontos desafiadores, quais os principais sentimentos vividos, as experiências que mais te marcaram, dentre outros elementos que quiser comentar.

Quando o Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental foi realizado? (Ano e semestre, exemplo: 2023/1)

Qual a turma e a faixa etária que realizou o Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental? (Exemplo: 3º ano, 8-9 anos)

Em qual escola foi realizado o Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental?

Comente sobre como foi a experiência do Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental. Pontos positivos, pontos desafiadores, quais os principais sentimentos vividos, as experiências que mais te marcaram, dentre outros elementos que quiser comentar.

Você teve alguma disciplina OBRIGATÓRIA na graduação que abordou a sexualidade e as questões de gênero e como trabalhar esses temas antes dos Estágios de Docências? Se sim, qual(is) disciplinas foi(foram)? Fale um pouco sobre

elas. Se não teve, o que você pensa sobre essas temáticas e sua relação com a Educação Básica?

Você teve alguma disciplina OPTATIVA na graduação que abordou a sexualidade e as questões de gênero e como trabalhar esses temas antes dos Estágios de Docência? Se sim, qual(is) disciplinas foi(foram)? Fale um pouco sobre elas. Se não teve, o que você pensa sobre essas temáticas e sua relação com a Educação Básica?

Durante os dois estágios citados acima (Educação Infantil e Ensino Fundamental) apareceram questões de sexualidade, gênero ou relacionadas à curiosidade e o descobrimento por parte das crianças sobre esses temas? Comente como isso aconteceu.

Em relação à pergunta anterior, como você lidou com a situação? Você interveio na hora do acontecido? Houve mediação externa (de alguém que não você) ou posterior ao momento do fato? Como você lidou e se sentiu com a situação?

Em relação às temáticas de sexualidade, questões de gênero ou relacionadas a curiosidade e o descobrimento por parte das crianças sobre esses temas, em algum momento dos dois estágios, você atuou com medo, receio ou desconforto? Comente sua resposta.

Algum ou alguma colega do Curso de Licenciatura em Educação Física, que você teve conhecimento, passou por desafios sobre essas questões (sexualidade/gênero/descobrimento/curiosidade por parte das crianças) durante os dois estágios? Conte um pouco sobre isso.

A partir do que você aprendeu no Curso de Licenciatura, você conseguiria elaborar um Plano de Aula ou um Plano de Ensino para trabalhar a sexualidade, questões de gênero ou relacionadas a curiosidade e o descobrimento por parte das crianças sobre esses temas, nas aulas de Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental? Comente sua resposta.

Em sua experiência nos dois Estágios de Docência, você percebeu se havia alguma temática ou assunto que era tratada como proibida ou tabu na escola? Se sim, qual? Por que você acha que era considerada proibida?

Este espaço final é para você escrever algo que não foi falado, ou caso queira aprofundar um assunto que considere importante neste momento e para a pesquisa.

## APÊNDICE E - QUADRO DE REVISÃO DE LITERATURA

TÍTULO	AUTOR	REVISTA	LINK
“Brincar de osadia”: sexualidade e socialização infanto-juvenil no universo de classes populares	Jucélia Santos Bispo Ribeiro	Cadernos de Saúde Pública	<a href="https://www.scielosp.org/pdf/csp/v19s2/a16v19s2.pdf">https://www.scielosp.org/pdf/csp/v19s2/a16v19s2.pdf</a>
O tabu da educação sexual: gênese e perpetuação dos preconceitos na infância	Mariana Inés Garbarino	Cadernos Pagu	<a href="https://www.scielo.br/j/cpa/a/ffnKR5RVpk7fTxy5crmnptF/">https://www.scielo.br/j/cpa/a/ffnKR5RVpk7fTxy5crmnptF/</a>
Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na Educação Infantil	Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo Valéria Pall Oriani	Educação Unisinos	<a href="http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S2177-62102013000200008&amp;lng=pt&amp;nrm=iso">http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S2177-62102013000200008&amp;lng=pt&amp;nrm=iso</a>
Dos “segredos sagrados”: gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil	Judite Guerra	LUME Repositório Digital	<a href="http://hdl.handle.net/10183/7146">http://hdl.handle.net/10183/7146</a>
Como meninas e meninos interagem nos momentos de brincadeiras livres no pátio em uma escola infantil de Porto Alegre?	Erica Guedes dos Santos	LUME Repositório Digital	<a href="http://hdl.handle.net/10183/61760">http://hdl.handle.net/10183/61760</a>
Interfaces entre gênero, Infância e Escola: dialogando com crianças	Débora Francez Sostisso	LUME Repositório Digital	<a href="http://hdl.handle.net/10183/22515">http://hdl.handle.net/10183/22515</a>
Infância, gênero e sexualidade	Jane Felipe	LUME Repositório Digital	<a href="http://hdl.handle.net/10183/230977">http://hdl.handle.net/10183/230977</a>
Infâncias, Gênero e Sexualidades: Uma Investigação Intervenção com Professores de Educação Indantil	Eduardo Benedito Cólis Leonardo Lemos de Souza	Revista Latino-americana de Educación Inclusiva	<a href="https://revistainclusiva.ucentral.cl/revistainclusiva/article/view/137">https://revistainclusiva.ucentral.cl/revistainclusiva/article/view/137</a>
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NAS BRINCADEIRAS INFANTIS E NA DOCÊNCIA: DISCURSO, CONSOLIDAÇÃO, RESISTÊNCIA E AMBIVALÊNCIA	Lucimar da Luz Leite Eliane Rose Maio	Revista de Educação Pública	<a href="https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4095">https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4095</a>
CRIANÇAS, GÊNERO E SEXUALIDADE: REALIDADE E FANTASIA	Cláudia Maria Ribeiro	Revista Estudos Feministas	<a href="https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200020">https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200020</a>

POSSIBILITANDO PROBLEMATIZAÇÕES			
A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E PAPÉIS DE GÊNERO NA INFÂNCIA: ARTICULANDO TEMAS PARA PENSAR O TRABALHO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	DEBORAH THOMÉ SAYÃO	Pensar a Prática	<a href="https://doi.org/10.5216/rpp.v5i0.43">https://doi.org/10.5216/rpp.v5i0.43</a>
Currículo, Gênero e Formação de Docentes	Ludmila Bezerra Lins	Revista Educação, Psicologia e Interfaces	<a href="https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v2i3.85">https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v2i3.85</a>
A FORMAÇÃO DE FUTUR@S PROFESSOR@S DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	Camila Midori Takemoto Vasconcelos LÍlian Aparecida Ferreira	Educação em Revista	<a href="http://dx.doi.org/10.1590/0/0102-4698209700">http://dx.doi.org/10.1590/0/0102-4698209700</a>
Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente	Helena Altmann	Sexualidad, Salud y Sociedad REVISTA LATINOAMERICANA	<a href="https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000100004">https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000100004</a>
Educação Física escolar e as questões de gênero: a prática pedagógica em foco	Luiz Henrique Poloni Cássia Cristina Furlan	Motrivivência	<a href="https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e83993">https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e83993</a>
A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL RUMO A FORMAÇÃO EM SEXUALIDADE E GÊNERO: EXPLORANDO AS MOTIVAÇÕES DE PROFISSIONAIS DO RIO GRANDE DO SUL	Thaís Blankenheim Natacha Führt Ramos Adolfo Pizzinato Angelo Brandelli Costa	Revista Diversidade e Educação	<a href="http://hdl.handle.net/10183/219493">http://hdl.handle.net/10183/219493</a>
O QUE ESTAMOS ESTUDANDO SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS LACUNAS NA FORMAÇÃO DOCENTE	Ariane Crociari Marcia Cristina Argenti Perez	Revista Iberoamericana de Estudos em Educação	<a href="https://doi.org/10.21723/riaee.v14iesp.2.12615">https://doi.org/10.21723/riaee.v14iesp.2.12615</a>
PROJETOS PEDAGÓGICOS DE CURSO EM ANÁLISE: GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	Eduardo Barbosa de Menezes Guimarães Iolete Ribeiro da Silva Isabel Cristina Fernandes Ferreira Angelo Cabral Esperança	Educação em Revista	<a href="https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4903">https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4903</a>

Resenha do livro Educação Física e sexualidade: desafios educacionais	Beatriz Barreto e Silva Cristiano Mezzaroba	Motrivivência	<a href="https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e83377">https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e83377</a>
OS TEMAS GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	Maria de Fátima Costa de Paula Virginia Georg Schindhelm	Movimento	<a href="https://doi.org/10.22409/mov.v0i1.50">https://doi.org/10.22409/mov.v0i1.50</a>
Educação em saúde: questões de gênero e sexualidade na educação infantil	Amanda Marques Durant	LUME Repositório Digital	<a href="http://hdl.handle.net/10183/129061">http://hdl.handle.net/10183/129061</a>
Cultura escolar e questões em gênero e sexualidade: o delicado equilíbrio entre cumprir, transgredir e resistir	Fernando Seffner	LUME Repositório Digital	<a href="http://hdl.handle.net/10183/232204">http://hdl.handle.net/10183/232204</a>
Gênero e sexualidade em debate: uma análise a partir da experiência do pibid – interdisciplinar	Denis Fernando Barcellos Angelo Franciele Teixeira Berto Iris Celeste Silva Santos André Luiz dos Santos Silva	LUME Repositório Digital	<a href="http://hdl.handle.net/10183/237641">http://hdl.handle.net/10183/237641</a>
Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância	Constantina Xavier Filha	Educar em Revista	<a href="http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0104-40602014000300011&amp;lng=pt&amp;nrm=iso">http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0104-40602014000300011&amp;lng=pt&amp;nrm=iso</a>
Avaliação de uma Intervenção Formativa em Sexualidade e Gênero para Professoras de Educação Infantil	Thais Blankenheim Adolfo Pizzinato Ângelo Brandelli Costa	School Educational Psychology and	<a href="https://doi.org/10.1590/1982-4327e3216">https://doi.org/10.1590/1982-4327e3216</a>
ESCOLARIZAÇÃO DA SEXUALIDADE: O SILÊNCIO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	Aline Silva Nicolino Marlucy Alves Paraíso	Movimento	<a href="https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/72058">https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/72058</a>
Imagem corporal e sexualidade na infância: uma abordagem qualitativa	Letícia Maria Cunha Cruz Raíssa Gomes Benevenuto Isabela Souza Paula Clara Mockdece Neves Juliana Fernandes Filgueiras Meireles	Revista Pensar a Prática	<a href="https://doi.org/10.5216/rpp.v23.55769">https://doi.org/10.5216/rpp.v23.55769</a>

	Maria Elisa Caputo Ferreira		
Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de Educação Física	Aline Gomes Machado Roberto Gondim Pires	Motrivivência	<a href="https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n48p360">https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n48p360</a>
Registros de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física no ensino fundamental	Alessandra Galve Gerez Ileana Wenez	Motrivivência	<a href="https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e84714">https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e84714</a>
A temática gênero na licenciatura em Educação Física: discussões acerca da formação inicial	Marcelo Alencar Leite Normandia de Farias Mesquita Medeiros Thiago Camargo Iwamoto Fabiano Pries Devide Dulce Maria Filgueira de Almeida	Motrivivência	<a href="https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e84292">https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e84292</a>
Em nome dos cuidados, da proteção e da educação: infância, corpo, gênero e sexualidade como discursos entre professoras da Educação Infantil	Raquel Gonçalves Salgado Paula Fernanda Martins Garcia	Zero-a-Seis	<a href="https://doi.org/10.5007/1980-4512.2018v20n37p112">https://doi.org/10.5007/1980-4512.2018v20n37p112</a>
MARCAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A SEPARAÇÃO DE MENINOS E MENINAS EM FOCO	Priscila Gomes Dornelles	Motrivivência	<a href="https://doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n37p12">https://doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n37p12</a>
OLHARES SOBRE OS CORPOS E A CONSTRUÇÃO DE “HOMENS” E “MULHERES” NA ESCOLA	Moisés Sipriano de Resende	Motrivivência	<a href="https://doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n37p69">https://doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n37p69</a>
Sexualidade e Educação Física escolar nos periódicos brasileiros (1979-2018)	Marcio Henrique Scotelano Evangelista Bruna Pinho Machado Neil Franco	Motrivivência	<a href="https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e67534">https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e67534</a>
Diferença sexual, dimensão interpessoal e afetividade nos contextos educacionais para a infância	Laura Cipollone	Pro-Posições	<a href="https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643859">https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643859</a>
“QUIETINHO, SENTADO, OBEDECENDO À	Mario do Carmo Morales Pinheiro	Pensar a Prática	<a href="https://revistas.ufg.br/fef/article/view/84/82">https://revistas.ufg.br/fef/article/view/84/82</a>

PROFESSORA”: A REPRESENTAÇÃO DO CORPO DA CRIANÇA NA PRÉ-ESCOLA			
Desejo, diferença e sexualidade na educação infantil: uma análise da produção dos sujeitos nas práticas escolares	Renata Pimenta Domingues	LUME Repositório Digital	<a href="http://hdl.handle.net/10183/13294">http://hdl.handle.net/10183/13294</a>
RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA INFÂNCIA: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE (DES) CONSTRUÇÃO DAS DIFERENÇAS	Rosania Maria Silvano Bittencourt	Roteiro	<a href="https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161761">https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161761</a>
GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE: UM MAPEAMENTO DAS PESQUISAS ENTRE NORTE E NORDESTE	Lívia de Rezende Cardoso Tássia Alexandre Teixeira Bertoldo Linda Brasil de Azevedo Santos	RPGE– Revista online de Política e Gestão Educacional	<a href="https://doi.org/10.22633/rpge.v24iesp3.14092">https://doi.org/10.22633/rpge.v24iesp3.14092</a>